



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Palheiros da Costa Nova
A influência do arquétipo tradicional na criação do
projecto contemporâneo

Tiago José Neves de Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Michael Heinrich Josef Mathias

Covilhã, Outubro de 2011

Ao meu avô.

AGRADECIMENTOS

A execução deste trabalho não seria possível sem o devido apoio e acompanhamento de muitas pessoas a quem aqui deixo o meu sincero agradecimento.

Ao meu orientador, professor Doutor Michael Heinrich Josef Mathias, o meu agradecimento pela disponibilidade, dedicação e orientação necessária para que conseguisse escolher o caminho a seguir.

Em especial, aos meus pais e irmãos, por todo o apoio possível e incondicional que me prestaram durante toda a minha formação académica, sempre na tentativa de me proporcionarem as melhores condições para que me pudesse formar como Homem e cidadão.

À minha restante família, que também sempre esteve presente na minha vida e que me ajudou através dos seus valores morais.

À Cristiana que, ao longo de todo este percurso, teve uma enorme capacidade para me ajudar; pelo seu carinho, paciência, compreensão e, sobretudo, pela muita tolerância para com o meu estado de espírito, por vezes menos, agradável.

Ao Tiago, com quem partilhei não só uma casa, mas toda uma aventura académica, a quem eu desejo um futuro repleto de conquistas e vitórias.

A todos aqueles de quem eu ganhei o respeito e amizade, com os quais partilhei as experiências e aventuras da minha vida académica - Marco, André, Rosinha, Joanita e Vizinha, com a certeza de que são o grupo de colegas e amigos imprescindível e único para toda uma vida.

RESUMO

A arquitectura permite-nos utilizar duas abordagens distintas - pode romper-se a identidade do local no qual se irá intervir ou, simplesmente, dar seguimento ao existente, recuperando-o ou revitalizando-o. Certamente já se caiu no erro de se optar por uma das abordagens, sem que antes se percebesse qual seria a melhor opção.

Actualmente, discute-se a identidade que um determinado local possui, pois cada local emana características únicas, impossíveis de serem recriadas em outros locais. A regeneração urbana, nomeadamente dos centros históricos, também está muito em voga, daí que se apele cada vez mais a um tradicionalismo arquitectónico. Este tradicionalismo foi referido por Raul Lino numa das suas obras (Casas Portuguesas) [1] e, posteriormente, a visão demasiado redutora deste foi analisada e detalhada por vários arquitectos, destacando-se Nuno Teotónio Pereira e Fernando Távora. Um caso desse tradicionalismo arquitectónico, como defendem Ernesto Veiga e Fernando Galhano, são os Palheiros do litoral português.

Os Palheiros da Costa Nova surgiram, inicialmente, para guardar alfaias, redes e outros acessórios inerentes à prática da pesca. Posteriormente, com a evolução da pesca para a arte de Xávega (tipo de pesca de arrasto), os Palheiros passaram a ser ocupados de forma permanente e com carácter mais habitacional. Com o desenvolvimento de outros factores económicos e sociais, a zona da Costa Nova passou a ser um destino de veraneio e, por consequência imediata, transformou os Palheiros em habitação turística. O aparecimento de novos métodos construtivos contribuiu para que o Palheiro adquirisse um novo aspecto - mais sólido, estável e permanente; porém, em muitos casos, as tentativas de imitação dos Palheiros tradicionais acabaram por “ferir a memória” desse tradicionalismo e, deste modo, grande parte da identidade que este local possuía perdeu-se.

O objectivo deste documento prende-se com a criação de um paralelismo entre o tradicionalismo e o contemporâneo. Para tal, torna-se necessário criar uma harmonia que passa por saber medir estes dois momentos e trabalhá-los da melhor forma, potencializando-os. A criação de um objecto arquitectónico para a Costa Nova não deve ser encarada, portanto, como um protótipo rígido e inflexível; este deve ser percebido como uma base, algo passível de ser adaptado por toda aquela zona de veraneio.

Palavras-chave:

Palheiros, Costa Nova, identidade local, tradicionalismo arquitectónico, arquitectura contemporânea

ABSTRACT

Architecture allows us to use two different approaches - it can break the identity of the location in which we will intervene, or simply to continue the existing, retrieving it or revitalizing it. Certainly that someone has already fallen into the trap of opting for one of these approaches without noticing first what would be the best option.

Nowadays, the identity of a certain place is discussed because each place has unique characteristics which are impossible to recreate elsewhere. Urban regeneration, particularly in historical centers, is also in vogue, so that it increasingly appeals to an architectural traditionalism. This traditionalism was reported by Raul Lino in one of his works (“Casas Portuguesas”) [1] and later, this vision which is too narrow was analyzed in detail by various architects, especially Teotónio Pereira and Fernando Távora. A case of this architectural traditionalism, as claimed by Ernesto Veiga and Fernando Galhano, is the “Palheiros” of the Portuguese coast.

The “Palheiros” of Costa Nova initially were used to store tools, fishing nets and other accessories necessary to the practice of fishing. Later, with the evolution of the art of fishing to the Art of “Xávega” (type of trawling), the “Palheiros” have been occupied in a permanent way with a more housing character. With the development of other economic and social factors, Costa Nova has become a summer destination and consequently “Palheiros” are nowadays tourism housing. The appearance of new construction methods allowed the “Palheiro” to acquire a new look - more solid, stable and permanent. However, in many cases, attempts to imitate the traditional “Palheiros” eventually *offended the memory* of that traditionalism and thereby great part of the local identity was lost.

The aim of this document is to try to create of a parallel between the traditional and the contemporary. So, it is necessary to create a harmony that consists in how to measure these two moments and work them in the best way, empowering them. The creation of an architectural object to Costa Nova should not be viewed as a rigid and inflexible prototype. This architectural object should be seen as a base, something that can be adapted by all that resort area.

Keywords:

“Palheiros”, Costa Nova, local identity, architectural traditionalism, contemporary architecture

ÍNDICE

CAPÍTULO 1	1
1.0. INTRODUÇÃO	2
1.1. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO	2
1.2. OBJECTIVOS	3
1.3. METODOLOGIA	4
1.4. ESTRUTURA	4
CAPÍTULO 2	5
2.0. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS	6
2.1. A CASA, O ABRIGO	6
2.2. IDENTIDADE LOCAL NA ARQUITECTURA TRADICIONAL PORTUGUESA	7
2.3. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS EM MADEIRA	8
2.3.1. REALIDADE PORTUGUESA	8
2.3.2. DIFERENTES FUNÇÕES	10
CAPÍTULO 3	14
3.0. PALHEIROS DO LITORAL PORTUGUÊS	15
3.1. PALHEIROS DA COSTA NOVA	15
3.1.1. ACTIVIDADES	15
3.1.2. MORFOLOGIA	18
3.1.3. IMPLANTAÇÃO	21
3.2. FACTORES DE DESENVOLVIMENTO DO TIPO DE CONSTRUÇÃO	22
3.3. COR	26
3.4. MATERIAIS	28
3.5. PROCESSOS CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS	33
3.5.1. FUNDAÇÕES	34
3.5.2. SOBRADOS	36
3.5.3. COBERTURAS	38
3.5.4. PAREDES EXTERIORES	40
3.5.5. CHAMINÉS	43
3.5.6. VARANDAS	44
3.5.7. ESCADAS	44
3.5.8. JANELAS	47
3.5.9. PORTAS	50
3.5.10. PORTADAS	52
3.5.11. BEIRAIS	55

CAPÍTULO 4	46
4.0. COMPONENTE PRÁTICA	59
4.1. POTENCIALIDADE CONTEMPORÂNEA DO TIPO DE EDIFICAÇÃO	46
4.1.1. PRESERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO	59
4.2. PROJECTO	46
4.2.1. DESENVOLVIMENTO	61
4.2.3. MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA	65
5.0. CONCLUSÕES	70
6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
7.0. ANEXOS	78

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Espigueiro construído em madeira. [5]	10
Fig. 2: Abrigo fixo para guarda campos. [5]	10
Fig. 3: Abrigo móvel sobre carro. [5]	11
Fig. 4: Choço cónico móvel. [5]	11
Fig. 5: Armazéns de sargaço, Póvoa do Varzim. [5]	12
Fig. 6: Barco de Pesca da Xávega, Furadouro.	12
Fig. 7: Barcos Moliceiros com os seus padrões coloridos. [9]	12
Fig. 8: Casas Tradicionais de apoio ao turismo, Santana (Ilha da Madeira).	13
Fig. 9: Estrutura em madeira da casa tradicional de Santana (Ilha da Madeira). [10]	13
Fig. 10: Lavradores a fertilizar as terras com sargaço e moliço. [12]	15
Fig. 11: Sargaceiros na faina do sargaço. [13]	16
Fig. 12: Barco da Xávega a enfrentar a ondulação do mar. [16]	17
Fig. 13: O enorme saco de pesca, rede da Xávega. [15]	17
Fig. 14: Bois a puxar o barco e o enorme saco da Xávega. [17]	17
Fig. 15: Palheiros sobre estacas, desenho de Fernando Galhano. [14]	19
Fig. 16: Palheiro com tom avermelhado. Este Palheiro possui dois pisos, pois é uma construção habitacional de raiz. [20]	20
Fig. 17: Casa transmontana de dois pisos, aldeia de Lamas de Ôlo. [19]	20
Fig. 18: Série de Palheiros assentados no chão, época em que por vezes era necessário deslocá-los. [23]	22
Fig. 19: Palheiros alinhados. Início da Bela Vista, Costa Nova. [23]	22
Fig. 20: Pinhal de Leiria. [18]	23
Fig. 21: Madeira utilizada para a construção naval. [18]	23
Fig. 22: Mata de S. Jacinto. [24]	23
Fig. 23: Dunas com vegetação, Costa Nova.	23
Fig. 24: Longo saco da Xávega. [25]	24
Fig. 25: Barco da Xávega na ida para a faina. [26]	24
Fig. 26: Ponte das Duas Águas, importante ligação às cidades de Ílhavo e Aveiro. [17]	26
Fig. 27: Palheiros da Costa Nova. Na frente, um pequeno veraneante. [23]	26
Fig. 28: Festas em honra de Nossa Senhora da Piedade. [29]	27
Fig. 29: Motivo mundano pintado num barco local. [30]	27
Fig. 30: Festas do povo, Campo Maior. As ruas inundadas de cor criam uma atmosfera unida. [32]	28
Fig. 31: Bairro Senhora da Conceição, após trabalho artístico de Agatha Ruiz de la Prada. [33]	28
Fig. 32: Ripas de madeira de pinho. [34]	32

Fig. 33: Palha ou colmo, utilizado na cobertura. [35]	32
Fig. 34: Telha Marselha, o tipo de telha mais utilizado. [36]	32
Fig. 35: Fechadura antiga usada nos Palheiros.	32
Fig. 36: Vidro. [37]	32
Fig. 37: Tinta - vermelho amarelo e azul, as três cores mais usuais. [35]	32
Fig. 38: Asfalto. Surge só com o desenvolvimento viário. [39]	32
Fig. 39: Cascalho, usado no embasamento. [38]	32
Fig. 40: Blocos de adobe, usados para fundações e chaminés. [40]	32
Fig. 41: Pormenor tipo, onde o soalho se apoia sobre adobe compactado. [5]	34
Fig. 42: Palheiro de José Estêvão. Detalhe dos blocos de adobe.	34
Fig. 43: Palheiro de José Estêvão. Palheiro construído sobre soco.	34
Fig. 44: Pormenor de Palheiro sobre embasamento. A plataforma do chão assenta sobre pequenos muros e, no interior do seu perímetro, encontra-se cascalho e solo compactado para enchimento. [5]	35
Fig. 45: Palheiro sobre embasamento.	35
Fig. 46: Palheiro construído segundo o tipo construtivo de fundação sobre embasamento.	35
Fig. 47: Desenho da estrutura tipo de um sobrado. [5]	36
Fig. 48: Sobrado sobre estacas, Costa Nova.	36
Fig. 49: Pormenor de junção entre viga principal e viga secundária, Costa Nova.	36
Fig. 50: Desenho de sobrado de Palheiro de piso térreo e andar, assente em fundação tipo soco. As vigas apoiam-se em prumos, suportando o seu peso. [5]	37
Fig. 51: Interior de um Palheiro. Os prumos, para além de suportarem a viga principal, formam entre si uma passagem (porta). [5]	37
Fig. 52: Desenho de Asna tipo 1. Note-se a simplicidade estrutural. [5]	38
Fig. 53: Desenho de Asna tipo 2. Note-se a introdução do pendular para reforçar a estrutura. [5]	38
Fig. 54: Desenho de Asna tipo 3. Dos três tipos de estrutura é aquela que se apresenta como a melhor solução. Contudo, esta estrutura não permite a utilização do sótão para habitação. [5]	38
Fig. 55: Desenho de estrutura aplicando a asna tipo 3. [5]	39
Fig. 56: Pormenor de asna tipo 3, Costa Nova. [5]	39
Fig. 57: Pormenor de asna tipo 2, Costa Nova. [5]	39
Fig. 58: Pormenor de asna tipo 3, Costa Nova. [5]	39
Fig. 59: Desenho de estrutura de paredes com a utilização de escoras. [5]	40
Fig. 60: Detalhe da estrutura com escoras.	40
Fig. 61: Estrutura com vigas verticais (prumos) e escoras. Note-se o igual espaçamento entre as vigas verticais.	40
Fig. 62: Desenho de revestimento exterior aplicado horizontalmente em ambos os lados. [5]	41
Fig. 63: Palheiro com ripado horizontal nas laterais e vertical nos topos.	41

Fig. 64: Fachada devoluta de Palheiro com ripado horizontal.	41
Fig. 65: Lateral de um Palheiro. Note-se o menor tratamento do aspecto final.	41
Fig. 66: Desenho de ripado vertical em ambos os lados. Note-se a utilização de ripas mata-juntas para melhor acabamento. [5]	42
Fig. 67: Lateral do Palheiro de José Estêvão. Note-se o ripado vertical e a utilização de ripas normais em detrimento das ripas mata-juntas.	42
Fig. 68: Fachada do Palheiro de José Estêvão.	42
Fig. 69: Desenho da estrutura da chaminé e como esta se desenvolve a par da fachada lateral do Palheiro. Pode perceber-se que a madeira não está em contacto directo com os blocos de adobe.	43
Fig. 70: Palheiro de ripado horizontal, no qual está apoiada a chaminé.	43
Fig. 71: Esquema de varanda construída num Palheiro da Costa Nova. A estrutura é apoiada no sobrado intermédio. [5]	44
Fig. 72: Elementos estruturais expostos dada a degradação da varanda.	44
Fig. 73: Desenho de escada executada em blocos de adobe. Note-se que no bloco de adobe junto da parede é aplicada uma tábua mata juntas.	45
Fig. 74: Palheiro sobre embasamento, no qual estão presente os degraus de adobe rebocados.	45
Fig. 75: Desenho de escada executada em madeira.	46
Fig. 76: Desenho dos elementos constituintes da escada.	46
Fig. 77: Escada executada integralmente em madeira, pormenorização do degrau.	46
Fig. 78: Escada executada integralmente em madeira, vista geral.	46
Fig. 79: Desenho da janela tipo guilhotina. Modo de funcionamento e construção. [5]	47
Fig. 80: Palheiro reconstruído, onde foram aplicadas janelas de guilhotina.	47
Fig. 81: Desenho de janela de batente com duas folhas. [5]	48
Fig. 82: Janela de batente aplicada na fachada principal do Palheiro.	48
Fig. 83: Detalhe da janela de batente. Note-se a moldura de madeira em torno da mesma.	48
Fig. 84: Desenho de janela de batente de uma folha. [5]	49
Fig. 85: Detalhe de janela de batente.	49
Fig. 86: Porta de duas folhas, na fachada principal.	50
Fig. 87: Desenho de porta de duas folhas, vista do interior. [5]	50
Fig. 88: Porta de acesso secundário, na traseira do Palheiro.	51
Fig. 89: Desenho das peças que constituem uma porta de uma folha. [5]	51
Fig. 90: Portadas exteriores do Palheiro de José Estêvão.	52
Fig. 91: Desenho de portada exterior que, neste caso, representa uma portada de uma folha. [5]	52
Fig. 92: Desenho de portada com grelha. De todos os tipos de portada, este é o mais elaborado. [5]	53
Fig. 93: Detalhe de portada com grelha.	53

Fig. 94: Fachada do Palheiro de José Estêvão. Note-se as portadas em todas as janelas. ____	53
Fig. 95: Desenho de portada de duas folhas para aplicação no interior. [5] _____	54
Fig. 96: Janela de guilhotina. Note-se as portadas interiores. _____	54
Fig. 97: Janela de batente. Note-se a portada interior. _____	54
Fig. 98: Desenho descritivo de um beiral. A execução da junção entre a parede e a telha não requer muito pormenor. [5] _____	55
Fig. 99: Beiral lateral e frontal. Note-se o pouco espaço entre a ponta da telha e a parede vertical. _____	55
Fig. 100: Desenho descritivo de pormenor do beiral. Note-se o prolongar da vara aumentando, assim, a distância entre a telha e a parede. [5] _____	56
Fig. 101: Beiral tipo 2. Embora a telha utilizada não seja a telha marselha, a execução deste não sofre alteração. _____	56
Fig. 102: Beiral tipo 2. _____	56
Fig. 103: Desenho de pormenor de um beiral de fachada principal. [5] _____	57
Fig. 104: Beiral da fachada principal. _____	57
Fig. 105: Fachada do Palheiro de José Estêvão. Note-se o revestimento no beiral. _____	57
Fig. 106: Composição urbana. Demonstração do paralelismo entre os eixos formados pelo mar e pela ria e, como contraponto, a perpendicularidade de implantação dos Palheiros em relação a esses mesmos eixos. _____	62
Fig. 107: Distribuição do espaço interior. A distribuição esquemática dos espaços interiores (assinalados a roxo) e o corredor central pretende demonstrar a continuação da perpendicularidade entre o Palheiro com o mar e ria. _____	62
Fig. 108: Simetria <i>versus</i> assimetria. A introdução de apêndices à forma inicial cria a assimetria verificada inicialmente. _____	63
Fig. 109: Conceito da flexibilidade ocupacional. Pretende demonstrar-se que a flexibilidade deve ser articulada com os espaços mais rígidos, embora a existência de espaços livres esteja dependente da articulação entre rígido e flexível. _____	63
Fig. 110: Demonstração da assimetria da utilização da cor e sua percepção. Demonstra-se, deste modo, que a cor pode ser compreendida pelo observador de diversas formas através do seu ângulo de posicionamento. _____	64
Fig. 111: Posicionamento do Palheiro face à exposição solar. O posicionamento demonstrado é o mais favorável à exposição solar. Assim, deve potencializar-se a sua forma de modo a absorver a luz natural necessária à sua salubridade. _____	65
Fig. 112: Elementos construtivos contemporâneos (assinalados a preto) <i>versus</i> elementos tradicionais (assinalados a branco). _____	66
Fig. 113: Demonstração da forma como os elementos construtivos contemporâneos devem ser articulados com os tradicionais. _____	66
Fig. 114: Distribuição espacial interior. Com a cor azul apresentam-se os espaços de circulação; com a cor roxa apresentam-se os espaços do programa. A influência do exterior ao	

deixar de existir faz com que se deva partir para ou outro tipo de organização virada para um núcleo. _____ 67

Fig. 115: Flexibilidade dos espaços. Como se pode observar no esquema, os espaços flexíveis (cor cinzenta) conseguem articular-se com os espaços de circulação (cor verde) e núcleo fixo (cor roxa), de forma a que não se perca a legibilidade espacial do interior. _____ 67

Fig. 116: A importância da luz. A luz tem um papel preponderante na forma do edifício, nomeadamente na inclinação de uma das águas. Essa inclinação permite a absorção de luz natural, bem como a entrada desta na zona de duplo pé direito. _____ 68

CAPÍTULO 1

1.0. INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

1.2. OBJECTIVOS

1.3. METODOLOGIA

1.4. ESTRUTURA

1.0. INTRODUÇÃO

“ (...) projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho de moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem (...) ”

Fernando Távora *in* Da organização do espaço¹

1.1. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

Num momento em que se discute e assiste à destruição maciça do nosso planeta, aborda-se também o tema da construção em arquitectura e tudo o que daí advém. O que é correcto ou o que é errado tem sido o grande dilema da sociedade, em geral, e do território português, em específico. A intervenção arquitectónica no presente, assim como em outros momentos da História, deveria ser sempre acompanhada de informação detalhada do local onde ocorrerá essa intervenção - desta modo, existiria talvez uma margem de erro menor e, assim, o nosso território e as memórias do que de bom foi feito nele não se encontravam num estado, por vezes, moribundo.

O conjunto destes factos leva-nos a pensar que poderíamos partir para uma nova linguagem, para uma nova imagem daquilo que queríamos para o nosso território ou, então, leva-nos a tentar preservar a identidade local, revitalizando-a. Porém, revitalizar algo torna-se por vezes difícil do ponto de vista da exequibilidade, tendo em conta os mais diversos aspectos, como sendo a vertente económica ou até mesmo o estado em que a memória do local se encontra.

O esquecimento deste facto revela-se um factor negativo da imagem do território. Com isto, o local deixa de ser vivido pelos cidadãos, onde o interesse e a necessidade do local dão lugar ao esquecimento e ao simples ignorar da sua beleza, escondida pela degradação, por vezes, existente. Ocasionalmente, os projectos de arquitectura de raiz são apontados como certa ofensa à identidade local, nomeadamente nos centros urbanos. Mas com que base se faz tal julgamento? É necessário perceber, então, o modo com que esta foi realizada. O melhor caminho passa por criar um ponto de equilíbrio entre as duas abordagens da arquitectura,

¹ TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. 8ª ed. Porto: FAUP Publicações, 2008. ISBN: 978-972-9483-22-6

pois é realmente possível fazer um projecto de raiz num local onde existiu algo e onde ainda paira no ar a memória do passado. Só assim a arquitectura nos levará a uma outra dimensão - a capacidade de perpetuar o local, a memória, a identidade local.

Esta abordagem torna-se portanto interessante, dado que a revitalização/projecto de raiz ainda se mostra, por vezes, como um jogo de interesses, onde o espólio do nosso território acaba por ser esquecido, saindo derrotado de uma “guerrilha mesquinha” dos intervenientes.

Posto isto, este trabalho pretende então perceber, primeiramente, o que deve ser guardado como memória e, posteriormente, intervir no local. Esta intervenção deve ter como principal função perpetuar memórias da arquitectura, tendo como influência essencial a arquitectura portuguesa e os seus elementos mais característicos. Dada a enorme variedade de tipologias tradicionais referentes a cada uma das zonas mencionadas por Fernando Távora e Teotónio Pereira, a análise presente neste trabalho limitar-se-á aos Palheiros da Costa Nova, os quais surgiram associados à actividade da pesca. Esta opção prende-se com o facto dos Palheiros da Costa Nova constituírem um grupo de poucos exemplares de construção popular tradicional ou vernácula, executados essencialmente em madeira. Outro aspecto preponderante para esta escolha reside no facto de toda a beleza deste local ter caído no esquecimento, pois o interesse era unicamente o lucro empresarial que este tipo de lugar tem para oferecer, rasgando-se e perdendo-se, ainda que aos poucos, a identidade local.

1.2. OBJECTIVOS

Como já mencionado, o objectivo deste trabalho é contribuir para um melhor pensamento ou análise de soluções no âmbito do projecto da intervenção em zonas devolutas da cidade, tendo em vista o respeito pela identidade local e melhorando a imagem deste mesmo local. Especificamente, este trabalho vai incidir numa zona denominada Costa Nova, uma zona piscatória do Litoral Norte de Portugal, onde se recuperará/criará uma nova imagem do Palheiro característico deste local, com base nas memórias e nos elementos arquitectónicos tradicionais. Este trabalho pode também ser um ponto de partida para muitas outras zonas do nosso país, devolvendo aos cidadãos todos os espaços perdidos. Os objectivos mais específicos deste trabalho são então:

- Reconhecer os elementos arquitectónicos tradicionais em Portugal;
- Reconhecer a importância destes elementos para a nossa sociedade e imagem cultural;
- Alertar para a riqueza destes locais;
- Devolver vida a estes locais;
- Reduzir a distância entre regeneração e criação.

1.3. METODOLOGIA

A realização deste trabalho teve por base uma pesquisa bibliográfica que permitiu perceber e compreender os conceitos que serão tratados ao longo deste trabalho e, posteriormente, possibilitou proceder a uma análise ajustada ao que realmente importa reter para uma adequada fundamentação teórica do tema apresentado.

A prova de Daniel Moutinho sobre os Palheiros do litoral, a obra de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, assim como os textos de Raul Lino sobre a casa portuguesa, constituem a maior referência orientadora para o desenvolvimento deste documento. Após o estudo destes três objectos principais, e com recurso a outros complementares, elaborou-se uma fundamentação teórica necessária à compreensão da temática. Foi também feito um posterior levantamento fotográfico do local, assim como de toda a sua envolvente e enquadramento local.

Posto isto, analisou-se o local para compreender aquilo que se deve potencializar e, também, a forma como esta potencialização deve ser feita e pensada, tendo sempre em vista o tema apresentado.

1.4. ESTRUTURA

De acordo com a metodologia adoptada, este trabalho apresentará três partes distintas, embora complementares:

Na primeira parte será abordada a componente teórica: no primeiro capítulo apresenta-se a relevância do tema; o segundo capítulo destina-se ao enquadramento do tema nas construções tradicionais em Portugal; e, por fim, no terceiro capítulo aborda-se a importância dos Palheiros do litoral português, em particular os Palheiros da Costa Nova.

A segunda parte deste trabalho reside no quarto capítulo, onde se trata da aplicação de todos os elementos teóricos referidos ao caso de estudo, analisando-se a potencialidade do tipo de edificação. Executa-se, também, uma proposta de projecto para o local que englobará o módulo habitacional e a imagem exterior do local compreendido por Palheiro e logradouro.

A terceira, e última parte, do trabalho destina-se a uma observação final sobre o trabalho efectuado, tirando conclusões e observações para o futuro. Será também feita uma análise rigorosa entre o que inicialmente se esperava e o que realmente foi projectado.

CAPÍTULO 2

2.0. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS

2.1. A CASA, O ABRIGO

2.2. IDENTIDADE LOCAL NA ARQUITECTURA TRADICIONAL PORTUGUESA

2.3. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS EM MADEIRA

2.3.1. REALIDADE PORTUGUESA

2.3.2. DIFERENTES FUNÇÕES

2.0. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS

2.1. A CASA, O ABRIGO

O início da História da Humanidade foi marcado uma panóplia de acontecimentos que actuaram como elementos impulsionadores da evolução do Homem tanto como sociedade, como ser singular. O domínio do fogo e o momento em que o Homem abandona o nomadismo são dois exemplos desses acontecimentos. No entanto, antes de o Homem se fixar num local, teve sempre a necessidade de se abrigar, de se esconder, de se proteger. A evolução da Humanidade foi, portanto, constantemente acompanhada pelo conceito de abrigo, de habitação. [2]

Protegendo-se do tempo e escondendo-se de riscos para a sua vida, o Homem começou por usar cavernas ou grutas naturais, as quais encontrava ao longo da sua procura pelo alimento. Posteriormente, e já produzindo o seu alimento, o Homem começou a construir o seu próprio abrigo. Vendo já em sociedade, apareceram os primeiros aglomerados de abrigo. Da necessidade comum a um modo de afirmação social, a casa passou também a diferenciar sociedades, culturas, espaços.

O Homem, como construtor-pensador que é, desde cedo começou a dar importância à sua relação com o lugar. Na tentativa de se satisfazer, o Homem pensa, de forma lógica o abrigo, a casa ou qualquer outra construção de apoio, tendo a vertente económica sempre grande relevância. A função a que se destina a construção foi um dos factores que levaram à existência de formas e conceitos de abrigo ou casa totalmente diferentes. [1]

As vivências e experiências de cada Homem reflectem o seu Eu, o seu ponto de encontro no mundo, a sua referência geográfica. A necessidade do Homem se diferenciar de cultura para cultura, surge como consequência inevitável de razões concretas e outras de origem mais emocional.

O Homem português, como qualquer outro, usou a sua criatividade e a sua capacidade física para criar várias tipologias e conceitos de abrigo e casa. Assim, o legado deixado pelo Homem, até aos dias de hoje pode servir como elemento inspirador para um Novo Homem, inserido num mundo tecnológico e mais evoluído, usufruindo ele de diferentes noções do Habitar e do abrigo na sua generalidade.

2.2. IDENTIDADE LOCAL NA ARQUITECTURA TRADICIONAL PORTUGUESA

O Homem, como grupo, criou os espaços arquitectónicos à sua imagem. Sejam eles aglomerados habitacionais ou simplesmente pequenas manifestações arquitectónicas que se destinam às suas necessidades, estes espaços são pensados e executados tendo por base os valores adquiridos, tornando-se, desta forma, um espelho da sociedade. [3]

As aldeias tradicionais respeitam essa regra, uma regra tradicional, não porque os homens da altura não fossem capazes ou não fossem dotados do pensamento e da criatividade; os homens eram tão capazes de criar que, efectivamente, construíram vilas por todo o espaço rural e urbano segundo diferentes pensamentos, sendo resultado disso a existência de diferentes tipologias, diferentes ambientes e, conseqüentemente, diferentes identidades locais. Esta capacidade era também potencializada pela variedade de materiais que se encontravam ao alcance do Homem. [3]

Por tudo isto, pode afirmar-se que cada objecto, cada canto, cada espaço arquitectónico, torna-se espelho do local, conferindo-lhe não só características únicas como também momentos impossíveis de recriar em qualquer outro ponto do país. [3]

Esta identidade foi, no entanto, esquecida e vandalizada por atitudes negligentes por parte do Homem como sociedade. A necessidade deste se diferenciar de outras culturas foi-se perdendo e, com isso, surgiram influências que, mal utilizadas, foram destruindo o ambiente rural ou urbano. Exemplo disso foi o erro que muitos emigrantes cometeram ao tentarem transformar uma qualquer habitação ou espaço edificado, de qualquer outro país, na casa da sua aldeia de sempre. Essa atitude revelou-se catastrófica para a linguagem usada pelos nossos antepassados. A organização da casa portuguesa, assim como a sua morfologia e implantação, deve fluir do interior para o exterior, tornando-se um objecto do lugar. Na verdade, qualquer português, ou pelo menos os que sofrem de alguma inércia no que diz respeito à actividade criativa, cai na tentação de copiar uma casa vista num outro local de Portugal que não aquele onde irá habitar. O local previamente escolhido não deve ser uma “barriga de aluguer”, pois assim daria origem a casas “bastardas” de outras já existentes, as quais, por vezes, também já manifestam sinais de “doença”. O local deve ser um meio para atingir um fim, fim esse que respeite e reflecta esse mesmo meio. Todo o local difere de qualquer outro, cada local tem características únicas, daí que se deva esquecer a ideia de copiar ou recriar. [1]

Os métodos de trabalho do Homem como arquitecto, métodos tradicionais, são similares entre locais; porém, quando aplicados a diferentes materiais e em diferentes locais, resultam em objectos diferentes. Assim, deve existir uma adaptação à realidade local, criando harmonia, não apenas entre forma e local, mas também entre material e função.

A organização, que até então surgia como fórmula escrita do passado, desapareceu, levando consigo a legibilidade do espaço em causa. A atmosfera que se pretendia saudável e harmoniosa para com o Homem poderia dar lugar ao desapego e ao esquecimento, por parte deste para com o seu lugar, da sua memória, da sua história. [3]

Um exemplo do respeito pela identidade local e respectivo património cultural surgiu na procura por um tradicionalismo vernacular, quando arquitectos como Fernando Távora e Nuno Teotónio Pereira se questionaram sobre a existência desse mesmo tradicionalismo. Estes arquitectos, tendo como base de apoio os escritos de Raul Lino, fizeram uma análise do país, numa tentativa de os desmistificar. Esta análise consistia no levantamento de elementos arquitectónicos que os contextualizassem nas diferentes zonas do país. Estes arquitectos, jovens na altura, chegaram à conclusão de que a análise de Raul Lino era demasiado simplificadora da realidade portuguesa. Posteriormente, aquando do exercício das suas funções como projectistas, aplicaram conhecimentos adquiridos nesse estudo, criando novas habitações de linguagem moderna, tendo como influência o tradicionalismo e a identidade local. [4]

Actualmente, a tentativa de recuperação de exemplares perdidos, de tipologias características daqueles lugares, são frequentes, dando razão ao passado e tentando esconder a referida negligência. Tal como Fernando Távora e Nuno Teotónio Pereira fizeram no modernismo, existe de facto a possibilidade de tornar algo tradicional num objecto contemporâneo; no entanto, para tal é necessário ter a noção exacta da linha unificadora desses dois ambientes diferentes. A ousadia de muitos em intervir em zonas com uma identidade muito forte choca com a vontade que têm de rasgar com essa mesma identidade local.

2.3. CONSTRUÇÕES TRADICIONAIS EM MADEIRA

2.3.1. REALIDADE PORTUGUESA

Toda a história Portuguesa da edificação foi escrita com enormes dificuldades. As necessidades da sociedade portuguesa muitas vezes chocavam com a precariedade de alguns

sectores mais específicos. Inevitavelmente, aquando da concepção de um espaço, quer habitacional quer de apoio às actividades do Homem, a escolha do principal material constituinte dessa obra recairia em algo economicamente vantajoso como, por exemplo, a madeira. Este material, durante muito tempo, foi elemento construtivo das edificações por todo o país. Comparativamente com a pedra ou com a terra, a madeira era o único material capaz de resistir à tracção.

Quase ao estilo nómada, alguns sectores primários foram desenvolvendo edifícios integralmente em madeira, desde estruturas, revestimentos de paredes, portas ou coberturas, fossem para uso temporário ou, em menor número, para uso permanente. Este tipo de construção foi, logicamente, associado a actividades precárias, como a pesca. [5]

Apesar de não ser um exemplo de aplicação inicial em edifícios tradicionais ou vernáculos, deve referir-se a Gaiola Pombalina. Este sistema foi implementado em larga escala numa zona que, mais tarde, foi conhecida como Baixa Pombalina. [6]

Após o sismo de 1755 em Lisboa, seguiu-se um enorme incêndio que durou vários dias, originando muita destruição. Com a necessidade de reestruturar este local Marquês de Pombal, ministro na altura, nomeou Manuel da Maia, engenheiro naval, para que este último apresentasse uma proposta válida para a recuperação da zona afectada. Manuel da Maia, numa de muitas propostas apresentadas, destacou a Gaiola. Era um sistema que permitia reduzir o peso das paredes dos edifícios, construídos em alvenaria, e em simultâneo aumentar a flexibilidade das mesmas, tornando o edifício menos exposto a novos sismos. A própria estrutura da gaiola permitia a construção de mais um piso e, também, a alteração do pé direito consoante o edifício. [6]

Ainda de salientar são as fundações, na zona requalificada de Lisboa, em que, à semelhança de edifícios em terrenos arenosos como o caso dos Palheiros, foram utilizadas estacas de madeira, dada a menor qualidade do solo. [6]

Deste modo, com a aplicação de sistemas construtivos tradicionais de utilização vernácula, surgiu a baixa Pombalina, com a perpendicularidade e alinhamento das fachadas que lhe é tão conhecida. [6]

Apesar de todas estas vantagens associadas à madeira, com a Revolução Industrial na Europa foram aparecendo diferentes materiais, mais nobres e resistentes, que acompanharam o desenvolvimento regional do país. Com isto, os processos tradicionais de construção foram caindo em desuso. [7]

2.3.2. DIFERENTES FUNÇÕES

A enorme vastidão de aplicação da madeira e o seu fácil manuseamento deram origem a inúmeras construções dos mais variados aspectos para apoio às diferentes actividades económicas. Da agricultura ao turismo, pode encontrar-se, em Portugal, inúmeros exemplos de construções, tanto primitivas como outras já mais elaboradas, tendo em vista a resposta às diferentes necessidades da sociedade.

Construção de apoio à agricultura

As construções ligadas à agricultura destinavam-se, na sua maioria, a funções exteriores à casa. Ao contrário do Norte, como Trás-Os-Montes, onde as construções eram sinónimo de solidez e de pedra, no centro e sul foram aparecendo construções de apoio executadas em madeira. Das construções mais precárias são exemplos os abrigos para animais como galinheiros, pocilgas, vacarias, ou até mesmo a casota do cão. A razão para tal precariedade talvez advenha das necessidades repentinas do agricultor como, por exemplo, a necessidade de aumentar temporariamente um galinheiro ou uma pocilga. [8]

Ao contrário destas construções, as casas para guardar espigas - os espigueiros, ou vulgarmente designados por canastros (fig. 1), apresentavam outro tipo de preocupações. Esta construção já gozava de uma certa perfeição e preocupação tanto estética como funcional. Como o milho é colhido no final do Verão, havia a necessidade de secá-lo com rapidez. Deste modo, houve a preocupação não só de elevar os canastros para um sítio arejado, bem como de construir as paredes laterais com frinças que permitissem que o ar do Outono secasse o milho. Outra preocupação residia na inclinação das paredes que, em muitos casos, impedia que a chuva molhasse a colheita. [5]

Outro tipo de construções efémeras eram as estruturas para abrigo dos homens que dormiam perto dos campos de cultivo (fig. 2). Entre todas as referenciadas, esta construção era a única que se destinava ao Homem.



Fig. 1: Espigueiro construído em madeira. [5]



Fig. 2: Abrigo fixo para guarda campos. [5]

Construção de apoio à pastorícia

A grande diferença das construções dos agricultores para as dos pastores era a grande mobilidade que estas permitiam aos pastores. A procura por pasto para os animais levava o pastor a deslocar-se para diferentes locais, daí a necessidade de uma construção móvel que funcionasse como abrigo (fig. 3). A solução por vezes adaptada era a estrutura de um carro de tracção animal, com cobertura vegetal (colmo). [5]

Nos casos em que as deslocações efectuadas pelos pastores eram de curta distância, o tipo de abrigo utilizado eram os choços (fig. 4). Tendo um carácter fixo, dada a pouca necessidade de mobilidade neste caso, os choços apresentavam um formato cónico e, normalmente, eram construídos em madeira e colmo. [5]

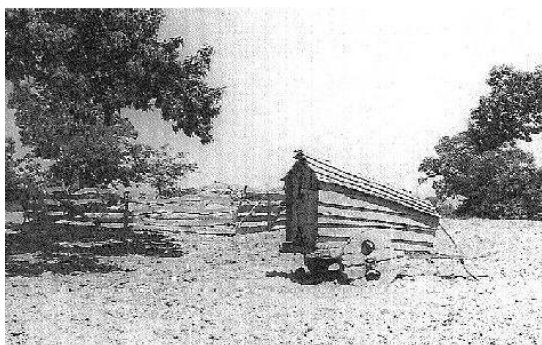


Fig. 3: Abrigo móvel sobre carro. [5]



Fig. 4: Choço cónico móvel. [5]

Construções de apoio à pesca

As construções de apoio à pesca surgem de forma gradual, desenvolvendo-se a par da actividade económica. Inicialmente eram construções de apoio, como armazéns de redes e de outras alfaias necessárias, armazéns de sal ou de sargaço (fig. 5) e moliço, e inclusive construções para o abrigo dos animais. [5]

A falta de pedra, a existência de grande quantidade de madeira na zona e, também, o conhecimento adquirido sobre a madeira na construção de barcos de pesca (os quais que por vezes eram convertidos em abrigo), levou os homens ligados ao mar a executar construções em madeira na sua totalidade. Destas construções em madeira, na zona costeira, importa referir os Palheiros da zona litoral norte, como os da Costa Nova, cujas construções atingiram um patamar de execução relevante. [5]

Inicialmente abrigos temporários, os Palheiros rapidamente se transformaram em habitação permanente, criando aglomerados urbanos na zona da Costa Nova.



Fig. 5: Armazéns de sargaço, Póvoa do Varzim. [5]

Construções de apoio ao turismo

A arte Xávega (tipo de pesca de arrasto), factor de desenvolvimento destas zonas, também contribuiu para que as habitações atrás referidas se tornassem elementos de atracção turística. [5]

No caso concreto da Costa Nova, a sua proximidade com o mar e com a ria, aliado ao colorido dos barcos (fig. 6 e 7) e das casas, transformaram esta zona numa zona turística. Através da compra ou arrendamento destas construções, as pessoas que ali procuravam descanso e actividades ligadas à água contribuíram para a evolução desta tipologia, como por exemplo o desenvolvimento dos sistemas sanitários. [5]

Outro factor de desenvolvimento foi o posterior surgimento de outros modos de pesca mais industrializados, o qual contribuiu para a crescente dependência do turismo na zona da Costa Nova.



Fig. 6: Barco de Pesca da Xávega, Furadouro.



Fig. 7: Barcos Moliceiros com os seus padrões coloridos. [9]

Dada a existência de algumas semelhanças formais e construtivas com os Palheiros da Costa Nova, deve ainda referir-se um outro caso de construção que hoje se dedica ao turismo - as casas de Santana, localizadas na Ilha da Madeira (fig. 8 e 9). [10]

Inicialmente, estas habitações eram ocupadas por lavradores que as construíram com recurso a materiais presentes no local, alguns deles provenientes do seu trabalho, como é exemplo o colmo. [10]

O elevado custo de manutenção deste tipo de habitação e o desenvolvimento viário da ilha fizeram com que se introduzissem outros materiais mais duradouros. Apesar da presença desses novos materiais, actualmente ainda se encontram alguns exemplares mais primitivos em bom estado de conservação. [10]

A autenticidade espacial e paisagística do local conferiu à zona de Santana um estatuto de referência turística, o que levou à conversão destas habitações em pontos de venda ou inclusive de apoio ao turismo. [10]



Fig. 8: Casas Tradicionais de apoio ao turismo, Santana (Ilha da Madeira).

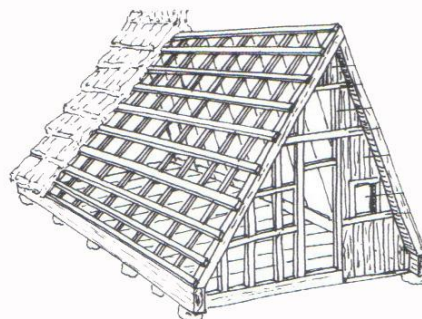


Fig. 9: Estrutura em madeira da casa tradicional de Santana (Ilha da Madeira). [10]

CAPÍTULO 3

3.0. PALHEIROS DO LITORAL PORTUGUÊS

3.1. PALHEIROS DA COSTA NOVA

3.1.1. ACTIVIDADES

3.1.2. MORFOLOGIA

3.1.3. IMPLANTAÇÃO

3.2. FACTORES DE DESENVOLVIMENTO DO TIPO DE CONSTRUÇÃO

3.3. COR

3.4. MATERIAIS

3.5. PROCESSOS CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS

3.5.1. FUNDAÇÕES

3.5.2. SOBRADOS

3.5.3. COBERTURAS

3.5.4. PAREDES EXTERIORES

3.5.5. CHAMINÉS

3.5.6. VARANDAS

3.5.7. ESCADAS

3.5.8. JANELAS

3.5.9. PORTAS

3.5.10. PORTADAS

3.5.11. BEIRAIS

3.0. PALHEIROS DO LITORAL PORTUGUÊS

3.1. PALHEIROS DA COSTA NOVA

3.1.1. ACTIVIDADES

Como em qualquer outra cultura europeia, também em Portugal a casa / abrigo surge segundo uma razão de grandeza sociocultural e económica. Podendo ser considerada como um instrumento de trabalho, a casa / abrigo sofre claras influências provenientes do tipo de actividade do grupo ou sociedade em particular.

Para que se torne mais clara a contextualização do espaço, consideremos a faixa costeira compreendida entre Espinho, cidade a sul da margem do Douro, e a Costa Nova, na zona norte litoral do país. Aqui, lavradores, sargaceiros e pescadores, usufruíam de duas vantagens: a imensidão de terrenos maioritariamente áridos e a proximidade com o mar. Ao contrário dos lavradores do interior do país, o lavrador do litoral estava intimamente familiarizado com o mar, do qual extraía peixe tanto para consumo próprio como para uma possível venda a um vizinho próximo. O lavrador do litoral tinha outra vantagem: utilizava nas suas terras de cultivo fertilizante natural, proveniente do mar e da ria - o sargaço e o moliço (fig. 10). [11]



Fig. 10: Lavradores a fertilizar as terras com sargaço e moliço. [12]

Outra actividade relacionada com esta zona era a apanha do sargaço (fig. 11). O sargaceiro, à semelhança do pescador, trabalhava sob contratação, embora a sua actividade se limitasse às margens da ria que, nesta zona, se fundem com o mar. O sargaceiro, contratado então pelo lavrador, dedicava-se à apanha dos diferentes tipos de algas - sargaço e moliço - que iam aparecendo agarradas às pedras ficavam expostas quando a maré baixava. O sargaço era

frequentemente recolhido já mais próximo do mar, enquanto o moliço se encontrava em grande quantidade pela laguna da ria. A venda destas algas destinava-se à fertilização dos campos de cultivo. [5]

Embora a actividade dos sargaceiros se destinasse à venda directa, esta requeria construções de apoio à actividade. Os Palheiros dos sargaceiros eram, então, semelhantes aos dos pescadores. Contudo, os Palheiros construídos na cidade de Aveiro continham ripado horizontal que contrastava com o ripado vertical dos Palheiros da Costa Nova.



Fig. 11: Sargaceiros na faina do sargaço.
[13]

Numa zona em que se faz notar a grande ondulação do mar, a única forma de exercer a actividade piscatória, ou pelo menos aquela em que os homens do mar o desafiavam com alguma segurança, era a pesca de arrasto, mais conhecida como pesca da arte Xávega. Esta condição, e também a falta de ancoradouros para os barcos, fez com que a forma destes fosse pensada de modo a que fosse mais fácil trazê-los de volta para a areia. [14]

De construção em madeira, os barcos tinham aspecto de meia-lua, com a proa e a popa elevadas (fig. 12). Para além disso, as partes laterais eram também mais elevadas para enfrentarem a rebentação das ondas que, por vezes, eram enormes. O fundo do barco era raso e sem quilha para que mais facilmente deslizesse pelo areal, sobre os enormes rolos de madeira, até ao mar (ou vice-versa). [14]

Esta embarcação era a melhor ferramenta de trabalho do pescador, o qual empregava algum tempo na sua personalização. A necessidade que os pescadores tinham de tentar ter o barco mais vistoso do local resultava em situações realmente caricatas e, efectivamente, enriquecedoras da paisagem. Ao enorme colorido dos barcos, juntavam-se à proa painéis pintados, fossem estes de cariz religioso, sexual ou ainda alusivos ao quotidiano, os quais serviam apenas para embelezar a embarcação.

A rede deste tipo de pesca, arte da Xávega, trata-se de um saco terminal amplo (fig. 13), onde o peixe entra por uma enorme boca, a qual se encontra presa a grandes cabos que se prolongam por três quilómetros. Após uma largada para o mar, e passado o necessário tempo no mar (cerca de uma hora), o barco volta para terra, arrastando consigo a rede. Neste momento, e citando um excerto da obra de Ernesto Veiga e Fernando Galhano, “Aquando da recolha do enorme saco, e no meio de uma aparente confusão, lá voltavam os bois para ajudar naquilo que a força dos braços do Homem se torna insuficiente” (fig. 14). [8]

Este tipo de campanha “pesqueira” mostrou ser um sistema social que, apesar da sua simplicidade, se encontrava hierarquizado, sendo o chefe aquele que teria a função mais importante. No barco, cada membro da tripulação conhecia com exactidão o lugar que deveria ocupar, assim como quais as tarefas a realizar. Do mesmo modo, os que não saíam para o mar, como era o caso de mulheres e rapazes mais novos (que esperavam pela possibilidade de também eles irem para o mar), tinham em terra as suas funções também bem definidas (como os arranjos de redes ou qualquer acto inerente à venda do peixe).



Fig. 12: Barco da Xávega a enfrentar a ondulação do mar. [16]



Fig. 13: O enorme saco de pesca, rede da Xávega. [15]



Fig. 14: Bois a puxar o barco e o enorme saco da Xávega. [17]

3.1.2. MORFOLOGIA

A construção de uma casa tradicional popular mantém o respeito pela envolvente. A paisagem deve ser tratada como o elemento supremo, enquanto as formas, os materiais e as cores devem ser submissos ao local, prolongando a harmonia da paisagem. Todos estes elementos fazem, portanto, parte de um todo que se quer harmónico e único. No entanto, tudo isto nunca será motivo racional para descorar de toda uma panóplia de exigências de cariz cultural ou simbólico ou, inclusive, de exigências utilitárias.

Um dos factores que contribuíram para a autenticidade das casas é o facto de estas, talvez por comodidade ou por motivos de ordem económica, serem construídas com recurso aos materiais locais. Independentemente da razão para este acontecimento, este factor tornou-se regra, marcando desde então uma tendência, uma identidade local.

Por sua vez, a diferente utilização de materiais em locais distintos por todo o país requer um diferente tipo de abordagem para a resolução da problemática em causa. Porém, actualmente, essa situação não se verifica, esse “respeito”, essa identidade local vão-se perdendo, talvez por desinteresse do arquitecto de hoje, ou devido à ignorância do cliente, que se traduz na falta de conhecimento do conceito de arquitectura tradicional portuguesa. Exemplo disso são as ideias brejeiras do cliente quanto ao aspecto exterior da casa que, por vezes, não se coadunam com a planta desenhada especificamente para determinado local. Assim, e concluindo esta ideia, Raul Lino refere que “a projectada planta demanda de solução completamente diferente”. [1]

A simbiose entre Homem e envolvente resultou outrora em diferentes tipos de soluções francamente interessantes e dignas de anotação. A utilização de um material em detrimento de outro não era, naquela altura, resultado do capricho do homem, mas sim resultado de estudos ou análises de certa forma arcaicas, com o intuito de responder a problemas de condições climatéricas adversas, como sendo chuvas, ventos ou variações de temperatura. Rapoport demonstra a pertinência desta conjuntura ao referir que “os construtores primitivos sabem (...) como resistirão os materiais e a construção aos estragos atmosféricos e à passagem do tempo”. [3]

A classificação da análise ou dos estudos efectuados por estes construtores (que muitas vezes eram simultaneamente donos da obra) como arcaica nada tem que ver com a falta de meios científicos e tecnológicos que se fazia sentir na altura e, ainda menos, com a própria rudeza dos materiais. Classificar esta situação de arcaica tem que ver com o facto de que (quase) todos os seus processos advinham do conhecimento comum, dos factos dados como adquiridos, das certezas aceites como regra desde os seus ascendentes.

Em termos específicos, e dando atenção ao caso em estudo, podem observar-se algumas, senão todas as preocupações atrás referidas.

A origem desta vertente arquitectónica popular desde logo se destacou pela ousadia da localização. Exemplo disso eram as habitações populares da região fria transmontana, onde as habitações ou as vilas iam aflorando toda uma paisagem rígida e francamente austera, não deixando, no entanto, de ser pura e apaixonante. Nesta região, sendo a agricultura e a pastorícia eram as duas vertentes geradoras de alguma riqueza. Estas actividades desde logo obrigaram a que as aldeias ou vilas se formassem em pequenos aglomerados, dada a importância e a necessidade de encurtar as distâncias entre as zonas de cultivo e as de habitação. Os locais de habitação também podiam possuir carácter de armazém ou estábulo, o que elevava ainda mais a necessidade da proximidade com os locais de cultivo e de pastagem. [3]

Os Palheiros em estudo surgem exactamente segundo o mesmo princípio. Inicialmente, possuíam apenas estatuto de armazém da logística necessária à execução das actividades piscatórias as quais, até àquela data, eram a principal fonte de riqueza para os habitantes locais e arredores. [3]

A ousadia referida teve, desde logo, impacto na solução construtiva, já que o terreno era alagadiço, impossibilitando a construção do Palheiro no solo (fig. 15). Outro facto que contribuía para tal impossibilidade era a madeira que, quando exposta às variações constantes da humidade proveniente do contacto com a água, ao longo de tempo, perdia resistência. [3]

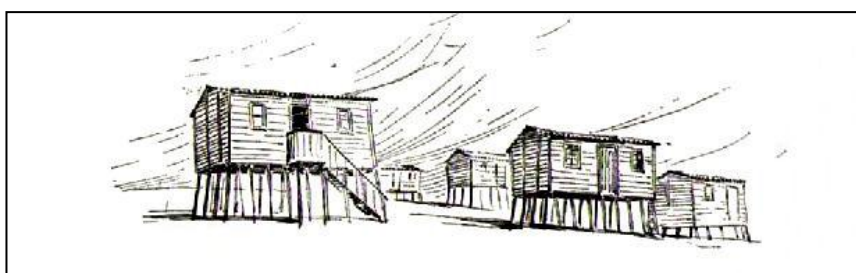


Fig. 15: Palheiros sobre estacas, desenho de Fernando Galhano. [14]

Na Costa Nova, as condições económicas não eram menos exigentes e precárias do que a dos transmontanos. Dada a inexistência de pedra neste local, parece óbvia a utilização da madeira como o principal elemento da composição deste tipo de habitação, pois este material baixava substancialmente o tempo da duração e o custo total da obra. Para além disso, a madeira encontrava-se facilmente nas matas das redondezas, como por exemplo na mata de S. Jacinto.

Como protecção da forma do objecto arquitectónico utilizava-se uma tinta convencional, barata, com uma tonalidade avermelhada (fig. 16), para impermeabilizar e aumentar a duração dos elementos construtivos (maioritariamente madeira). Esta preocupação advém não só da proximidade com a ria e com o mar, mas também porque as condições climatéricas podiam revelar-se caóticas. [18]

Ao contrário do que se fazia notar nas habitações transmontanas (dois pisos) (fig. 17), os Palheiros eram construídos em apenas um piso, uma vez que inicialmente, e como já referido anteriormente, estes assumiam apenas a função de armazém. O motivo para os Palheiros serem construídos em apenas um piso reside no facto de assumirem a função de habitação só muito esporadicamente - apenas durante as épocas de pesca. Nestas alturas, os utilizadores destas infra-estruturas vinham de vilas próximas, como por exemplo de Ovar ou Ílhavo. Eram conhecidos como vareiros. [3]

Esta necessidade constante de deslocação dos pescadores e das suas zonas habitacionais para os locais de pesca, tornava-se relativamente dispendiosa e pouco prática. Por isso, foi com alguma naturalidade que os pescadores começaram a adoptar estes lugares de trabalho como local de residência, originando-se aglomerados habitacionais junto à zona costeira, como é exemplo a Costa Nova. Mais a sul do país, pode também perceber-se a existência da mesma filosofia relativamente à origem dos Palheiros da Costa da Caparica, em tudo similares aos Palheiros da Costa Nova.



Fig. 16: Palheiro com tom avermelhado. Este Palheiro possui dois pisos, pois é uma construção habitacional de raiz. [20]



Fig. 17: Casa transmontana de dois pisos, aldeia de Lamas de Ôlo. [19]

Na passagem pelo séc. XIX, houve uma mudança no tipo de pessoas que procuravam a Costa Nova (ao nível de estatuto social), o que prontamente originou uma mudança de necessidades para o local. Se até então a zona era maioritariamente ocupada por pescadores que tentavam sustentar as respectivas famílias, não tardou que outras famílias mais abastadas, como é o caso de sócios de empresas ligadas à região, reconhecessem as potencialidades do local para a prática de actividades relacionadas com o lazer. Deste modo, foi provocada uma espécie de

metamorfose na zona em questão, alterando-se, assim, o tipo de actividades predominante - actualmente, destacam-se as actividades de veraneio. [21]

Este acontecimento, esta metamorfose, poderá ter dado origem à perda de alguns exemplares de Palheiros e respectiva pureza do local. Surgiram apêndices aos Palheiros, mais propriamente cozinhas e quartos, na perspectiva de rentabilizar o imóvel na época do Verão. Os que continuaram a actividade piscatória tiveram de se deslocar, na maioria, para sul. Em alguns casos, os Palheiros foram mesmo “transplantados” para outros locais. Este acontecimento foi uma das causas para que o Palheiro atingisse a dimensão de habitação e para que hoje possa ser considerado um dos exemplos tradicionais de habitação portuguesa. [14]

A pureza inicial da forma que dava corpo ao objecto arquitectónico permitiu que fossem feitos vários ajustamentos, tendo em vista a melhor solução interior. Esta deveria ser capaz de criar todas as condições necessárias para que este fosse um lar apto para satisfazer as necessidades do habitante enquanto indivíduo singular ou enquanto família.

3.1.3. IMPLANTAÇÃO

A explicação do predomínio da construção de madeira torna-se lógica quando conhecido o custo da construção com esse material; porém, como refere Fernando Galhano, assim que podem, as pessoas constroem a sua habitação em pedra e cal, o que nos remete para a razão cultural, um certo prolongamento de uma tradição anterior. [11]

O tipo de construção, bem como o tipo de material da construção, remetem-nos para a classe social: por um lado, a construção de pedra e cal, algo sólido, sugere-nos uma classe social de profissão estável, como a de um lavrador (relembro novamente a referência às casas transmontanas que são construídas maioritariamente em pedra); por outro lado, as construções em madeira, de aspecto mais frágil, estão associadas à precariedade e instabilidade da vida de um pescador. Contudo, esta decisão pela utilização da madeira advém de outros factores, que serão mencionados adiante. [11]

Os aglomerados costeiros, como o da Costa Nova, surgiram muito antes de qualquer regulamentação que permitisse a organização espacial. O modo, de certa forma caótico, como estes foram construídos não deixa antever qualquer preocupação organizacional. A falta de arruamentos, que surgiram muito depois das primeiras construções, foi um factor preponderante para tal desorganização. A forma como os Palheiros eram implantados demonstrava apenas uma única preocupação - o vento. Com a inicial falta de vegetação, as areias das dunas eram arrastadas pelas nortadas agressivas, condicionando a construção de

qualquer Palheiro - era necessário que o Palheiro construído fosse móvel (fig. 18). Assim sendo, só após o aumento da protecção contra o vento (através da florestação destas zonas e da criação de entidades reguladoras) se começou a verificar um certo alinhamento das construções. Muitos Palheiros foram construídos encostados a outros, de modo a reduzir o número de faces expostas ao vento, outros foram implantados sobre estacas, diminuindo o risco de ficarem soterrados com as areias. [10] Quando a vegetação das dunas e a florestação das matas conseguiram reduzir este arrastamento de areias para um valor quase insignificante, a construção dos Palheiros abdicou da elevação destes em estacas, passando a assentá-los em muros, socos ou em bases (fig. 19). [5]



Fig. 18: Série de Palheiros assentados no chão, época em que por vezes era necessário deslocá-los. [23]

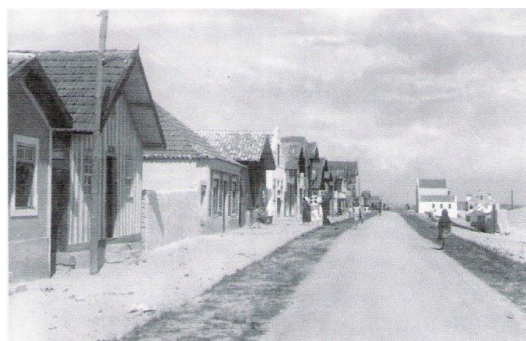


Fig.19: Palheiros alinhados. Início da Bela Vista, Costa Nova. [23]

3.2. FACTORES DE DESENVOLVIMENTO DO TIPO DE CONSTRUÇÃO

O tipo de construção, quer na vertente habitacional, quer na de apoio à pesca, foi evoluindo consoante o amadurecimento do Homem. Desde o início desta tipologia até aos dias de hoje, diversos factores contribuíram para esse amadurecimento e desenvolvimento deste tipo de espaços. Os factores que, de seguida, se expõem são aqueles que se apresentam como sendo os mais importantes.

Pinhal de Leiria

O Pinhal de Leiria (fig. 20), segundo consta, foi plantado no reinado de D. Dinis. Contudo, estudos recentes referem a existência do pinhal já no tempo de D. Afonso III, ainda que o pinhal se tenha tornado numa enorme fonte de matéria-prima só com o reinado de D. Dinis.

A plantação deste pinhal surgiu por ser necessário travar o avanço do mar, onde as raízes das árvores seguravam o terreno mais arenoso. Posteriormente, o uso da madeira proveniente do pinhal destinou-se à construção naval (fig. 21), na época em que Portugal se aventurava pelo mar afora (era dos Descobrimentos). [11]



Fig. 20: Pinhal de Leiria. [18]



Fig. 21: Madeira utilizada para a construção naval. [18]

Florestação e travamento das dunas

À semelhança do Pinhal de Leiria, nos locais onde se tornava necessário o travamento deste tipo de terrenos eram plantadas vastas áreas de pinhal, o que acontecia um pouco por toda a costa (fig. 22). O mar instável e o vento frequente (que originava as tão conhecidas nortadas) criavam algum incómodo, constituindo também uma ameaça para as construções existentes nesses locais. O facto de o vento arrastar enormes quantidades de areia (fig. 23) obrigou o Homem a adaptar as suas construções. Assim, um pouco à semelhança das construções temporárias e móveis dos pastores, os pescadores tiveram de construir os Palheiros de modo a que estes pudessem ser posteriormente deslocados, para não ficarem soterrados. [5]

Este florestamento, para além de diminuir a desprotecção deste local ao vento e às águas instáveis do mar, veio fornecer uma enorme quantidade de matéria-prima que se caracterizava não só por ser económica como também por se encontrar próxima dos locais de construção.

De modo a garantir a continuidade destas áreas de pinhal, eram plantados novos pinheiros sempre que de lá se extraíssem alguns. Esta tarefa de plantação estava ao cargo dos habitantes locais que se tornaram responsáveis pela manutenção de áreas específicas da mata. [5]



Fig. 22: Mata de S. Jacinto. [24]

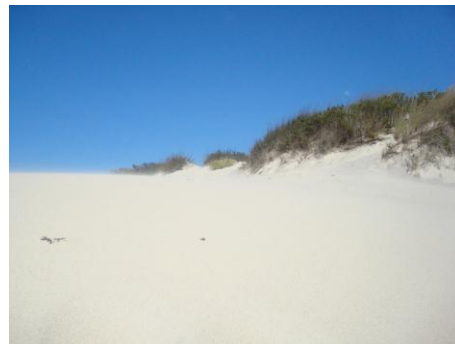


Fig. 23: Dunas com vegetação, Costa Nova.

Migração de catalães para a Galiza

Aparentemente, este não parece ser um factor de desenvolvimento da zona pesqueira em causa, mas, na verdade, este foi um dos principais motores de desenvolvimento da arte Xávega (tipo de pesca de arrasto). [8]

A mobilidade Humana e a proximidade da Costa Nova com a Galiza, aliada à necessidade de contratação de mais mão-de-obra, permitiram a importação de novos métodos e novos conhecimentos, para darem resposta ao crescimento e comercialização do volume de pescado. [8]

Os catalães, sabendo da grande relação entre esta zona norte da costa portuguesa e a Galiza, viram aqui uma oportunidade de fuga à crise que os assolava no mediterrâneo. Contudo, em alguns casos, foram os portugueses a encaminhar para Portugal algumas influências dessas zonas. [8]

Arte Xávega

A chegada dos galegos e catalães, aliada aos conhecimentos que traziam consigo, permitiu uma transformação da pesca artesanal num tipo de pesca com maior formato económico - a arte Xávega.

Como já referido, antes da introdução da Arte Xávega nesta zona, a pesca era de pequena dimensão. Embora as redes da arte Xávega fossem de maiores dimensões (fig. 24), a sua semelhança com as redes de pesca do Chinchorro (tipo de pesca mais artesanal) permitiu uma fácil adaptação dos pescadores locais a este novo método de pesca. [8]

Com esta evolução tornou-se necessária a existência de uma maior capacidade logística por parte das companhias de pesca, havendo a necessidade de adquirir barcos maiores (fig. 25) e de contratar mais mão-de-obra. [8]

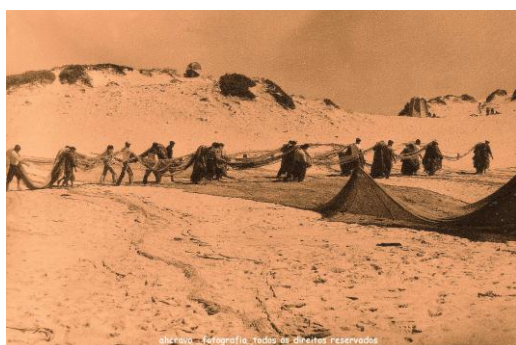


Fig. 24: Longo saco da Xávega. [25]



Fig. 25: Barco da Xávega na ida para a faina. [26]

Migração de ilhavenses e ovarenses

Como já mencionado, grande percentagem das pessoas que formaram os aglomerados habitacionais desta zona costeira eram oriundas de várias zonas do distrito aveirense, mais especificamente de Ovar, Murtosa e Ílhavo. Como a pesca era uma actividade que dependia da existência de peixe, estas pessoas sentiam a necessidade de se dispersarem para sul, como por exemplo para a Costa da Caparica, para alternar as zonas de pesca conseguindo, assim, manter-se no activo. [8]

O aumento do consumo de pescado em cidades maiores, como no Porto ou em Aveiro, incrementou o volume de trabalho pesqueiro. Assim sendo, os pescadores que até então se deslocavam temporariamente para a Costa Nova, começaram a fixar-se a título definitivo. Com isto, e à semelhança dos Galegos e Catalães, os pescadores portugueses começaram a construir novos Palheiros e a adaptar os existentes a uma única finalidade - a de habitar. [5]

Turismo e desenvolvimento viário

A melhoria dos sistemas viários, que consistiu na ramificação de estradas por todo o país, permitiu ligar esta zona costeira a outras zonas interiores do país, fazendo surgir novas oportunidades (fig. 26).

A melhoria dos acessos permitiu a disponibilização de materiais construtivos provenientes da industrialização que ocorria um pouco por toda a Europa. Este facto contribuiu para que os Palheiros comesçassem a ser dotados de materiais mais resistentes, como a perda ou o tijolo, que eram também soluções económicas. Outro elemento de construção introduzido foi a telha que, comparativamente com o colmo (material vegetal), apresentava uma durabilidade bastante elevada. A introdução destes novos elementos construtivos contribuiu para uma certa descaracterização do Palheiro, pois inicialmente este era construído exclusivamente por madeira e colmo - daí a designação de Palheiro. [14]

As transformações dos Palheiros em habitações com melhores condições de salubridade levaram a que muitas pessoas abastadas, não ligadas à pesca, ocupassem estes lugares. Através do aluguer ou da compra dos Palheiros, estas pessoas instalaram-se para poder tirar partido das diversas condições, quer fossem para a prática de actividades ligadas à água ou simplesmente para outras actividades frequentes de locais de veraneio como este.

A crescente procura deste local nas épocas de Verão levou a que muitas pessoas ligadas à pesca se voltassem para o sector turístico, na procura de melhores condições de vida. Hoje

em dia, as zonas da Costa Nova e Furadouro (outrora pólo de pesca) são zonas maioritariamente turísticas (fig. 27).

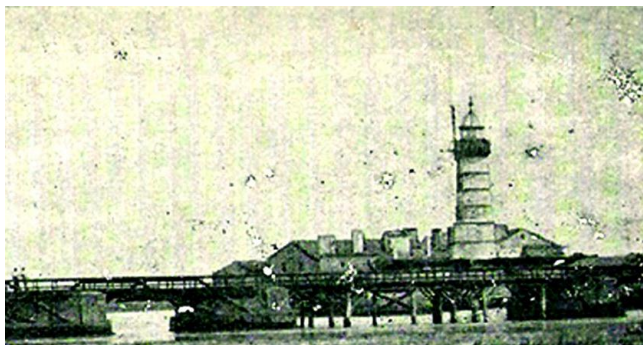


Fig. 26: Ponte das Duas Águas, importante ligação às cidades de Ílhavo e Aveiro. [17]



Fig. 27: Palheiros da Costa Nova. Na frente, um pequeno veraneante. [23]

3.3. COR

A cor, na arquitectura, é um elemento que se apresenta tão importante quanto a forma. A sua importância atinge níveis elevados quando esta se usa ou é “retratada” como elemento identificativo de uma época, de um local ou de um simples movimento artístico.

Quando se discute sobre identidade local, deve ir-se para além do óbvio, na tentativa de apreender tudo aquilo que se vê, cheira ou simplesmente se sente. Em suma, o que se pretende é tentar perceber a razão da existência de uma infinidade de elementos que absorvemos através desses sentidos. É necessário, portanto, apelar a algo mais, como sendo a intuição. Daí que numa análise urbana não se deva excluir ideias que, por vezes, possam parecer irrelevantes ou sem nexos só porque, numa primeira aparência, sejam pouco óbvias ou descontextualizadas. [27]

Nesta temática da cor o que importa, mais do que as características técnicas, é perceber e analisar o ambiente/contexto em que certa cor é aplicada, bem como o “pós aplicação” da cor, pois existe uma infinidade de sensações transmitidas por esta.

A actividade piscatória da Costa Nova, como outras actividades de outros locais de Portugal, encontrava-se intimamente ligada à Religião. A necessidade que as pessoas sentiam de se segurarem a algo menos palpável, como o caso das crenças religiosas, advinha do medo e respeito que tinham pelo mar. Basta, por exemplo, recordar que nos meses de Agosto e Setembro são frequentes as festas em honra dos Santos do mar (fig. 28). A vida de risco que estas pessoas levavam provocava, por vezes, alguns dissabores, assombrando e entristecendo os que resistiam. Não só a força de carácter, mas também a necessidade de sobrevivência, conduzia-os em frente, independentemente das vicissitudes da vida.

Talvez como forma de tentar afastar o ambiente nervoso e sombrio que nestas zonas se fazia sentir, as pessoas cobriam de cor os seus barcos e Palheiros, transformando o ambiente em algo alegre.

À cor era também dado um carácter de ostentação. Assim como os barcos eram enfeitados com cores e motivos religiosos, sexuais ou mundanos (fig. 29), os edifícios também começaram a ser dotados de cor. Cada dono caracterizava o seu Palheiro de acordo com as suas vivências, tornando assim os Palheiros em referências locais. [27]

Como refere Michel Pastaureau, “(...) a cor é um fenómeno estritamente cultural, que se vive e define diferentemente segundo as épocas, as sociedades, as civilizações. (...) Por isso mesmo, não acredito de todo na possibilidade de um discurso científico unívoco sobre a cor, unicamente fundado nas leis da física, da química e da matemática. O único discurso possível sobre a cor é de natureza antropológica”. [28]



Fig. 28: Festas em honra de Nossa Senhora da Piedade. [29]



Fig. 29: Motivo mundano pintado num barco local. [30]

Como é sabido, as cores influenciam os estados de espírito do ser humano. Esta característica da cor faz com que, através da sua aplicação de forma sábia, se transmitam diferentes sensações às pessoas - quer de aconchego, desconforto ou outras. [31]

Portugal encontra-se repleto de cor, seja nas casas, nas ruas, etc. (fig. 30), o que nos “obriga” à sua “absorção”, sendo que uma boa ou má aplicação pode causar sensações positivas ou negativas. A cor transforma os espaços (como as paisagens ou mesmo a fisionomia das cidades) e a percepção que temos deles, modelando-os. Assim sendo, a cor encontra-se intimamente relacionada com o meio envolvente, conferindo-lhe características únicas reforçando a identidade do local do espaço urbano (fig. 31). Contudo, no surgimento destes bairros piscatórios, certamente que a cor não fez parte das questões ponderadas durante a execução, muitas vezes arcaica, dos modelos edificadas.

Como ainda hoje acontece, em alguns casos a cor é utilizada para tentar esconder algo mais sombrio, como por exemplo um complexo habitacional social onde podem existir comportamentos desviantes e pouco saudáveis (fig. 31). [28]

Quanto à forma do objecto, se a cor é propriedade da matéria que o configura, a forma como o mesmo será observado dependerá de inúmeros factores, como a luz ou o próprio observador. Caso a cor do objecto seja manipulada através da pintura, deve ser sempre no sentido de criar homogeneidade e originalidade ou então para pautar um diferente ritmo da atmosfera urbana. [28]

Numa circunstância em que a cor seja aplicada de forma harmoniosa, realçando algo ou tornando-o neutro, esta serve de exemplo unificador do espaço, aumentando a legibilidade do mesmo e, conseqüentemente, a qualidade do habitar local. [28]

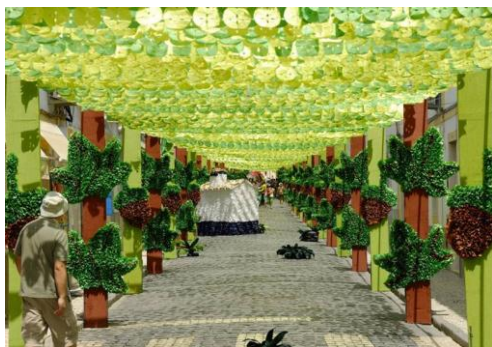


Fig. 30: Festas do povo, Campo Maior. As ruas inundadas de cor criam uma atmosfera unida. [32]



Fig. 31: Bairro Senhora da Conceição, após trabalho artístico de Agatha Ruiz de la Prada. [33]

3.4. MATERIAIS

A cor do objecto, como já mencionado, pode ser muitas vezes a própria tonalidade dos materiais. No entanto, os materiais não eram escolhidos de forma puramente estética ou tão pouco inocente. Uma das grandes características sempre presentes neste e noutro tipo de construções populares em Portugal era a forma lógica como estes materiais eram escolhidos, no que refere ao custo, transporte, proximidade, durabilidade e manuseamento (não necessariamente por esta ordem descrita).

A escolha dos materiais integrantes da edificação, bem como as suas técnicas de construção, foram evoluindo, permitindo que novos materiais fossem utilizados em detrimento de outros mais tradicionais.

No caso de estudo, os Palheiros foram, e ainda são, edifícios que sofreram algumas transformações; contudo, esta tipologia arquitectónica foi familiarizando-se com diferentes materiais ao longo tempo. Seguidamente referem-se os vários materiais que tiveram grande importância na construção dos Palheiros da Costa Nova.

Madeira

Dos mais precários e de carácter mais temporário aos mais estáveis em termos de durabilidade e “riqueza” de detalhes construtivos, resistiu o material que foi utilizado em todas as construções, para quase todas as finalidades, desde as fundações e estrutura até ao revestimento da edificação - a madeira (fig. 32), ficando assim directamente ligada à própria definição de Palheiro.

Apesar do Homem dispor de poucos conhecimentos científicos quanto a algumas das propriedades dos materiais, logo se apercebeu que, segundo os cinco elementos já referidos a ter em consideração para a escolha dos materiais (custo, transporte, proximidade, durabilidade e manuseamento), a madeira apresentava grandes potencialidades e era o material que tinha a melhor relação entre esses elementos. A grande versatilidade e o fácil manuseamento, assim como a facilidade de transporte da madeira, contrastava com o difícil trabalhar da pedra e respectivo custo.

Para além da vantagem do factor económico, as construções em madeira apresentavam-se mais leves e deformáveis. Por outro lado, tinha como desvantagens a fácil combustão e também a fraca durabilidade quando exposta a fungos e insectos. [14]

Dos diferentes tipos de madeiras utilizados destacava-se a madeira fornecida pelo Pinheiro-Bravo, uma madeira resinosa que se encontrava facilmente no nosso território. Relativamente dura, pesada, fácil de manusear e barata, esta madeira tinha uma durabilidade relativamente baixa, pois possuía muitos nós e rachava com certa facilidade, sendo também vulnerável a parasitas. O Pinho era tratado na Ria de Aveiro durante vários anos para que se pudesse utilizar na construção dos Palheiros ou de barcos. [11]

Outro tipo de madeira utilizada era o Carvalho, que existia sobretudo no Norte e Centro do país. Sendo das madeiras mais duras de trabalhar, era aquela que apresentava maior durabilidade. Era frequentemente utilizada no encabeçamento de prumos de pinho, protegendo-os da humidade do solo.

Por fim, existia também o Eucalipto que, para além de ser muito duro, apresentava com muita frequência fendilhamento e empeno.

Elementos vegetais

Não sendo utilizado com grande frequência, o colmo (fig. 33) estava também presente em algumas construções de Palheiros. Este material era utilizado na cobertura da habitação, à semelhança do que ocorria nas habitações regionais de Santana (na Região Autónoma da Madeira). Contudo, dada a existência de incêndios logo foi trocado por elementos cerâmicos. [10]

Elementos cerâmicos

Nestas construções, a telha permitiu a diminuição da exposição a fenómenos mais desagradáveis. A partir dos meados do século XIX, a substituição da telha canal e coberta por telha Marselha (fig. 34) permitiu a construção de coberturas mais inclinadas, transformando o sótão num lugar passível de ser habitado. [5]

Um outro elemento cerâmico que deve ser referido é o tijolo maciço ou furado. Este não era utilizado em nenhuma parte estrutural; inicialmente, a sua aplicação restringia-se a chaminés e fornos normalmente salientes das paredes perimetrais da construção.

Metal

A utilização do metal neste tipo de construção de baixo custo cingia-se às ferragens, dobradiças de portas e janelas, e também para a junção de elementos estruturais em madeira, onde o prego era frequentemente utilizado. [5]

Numa fase mais avançada da evolução do ferro e após vulgarização da sua aplicação nestas construções, começaram a aparecer elementos em madeira não pregados, mas sim aparafusados, como por exemplo as caixilharias das janelas, os fechos de correr e as fechaduras (fig. 35). Até nas partes estruturais passou a substituir-se o prego por cavilhas, já que estas aguentavam uma maior pressão.

Para não encarecer a obra, a utilização das dobradiças nas janelas era pouco comum, pois a opção para o tipo de janela (a janela em guilhotina) apenas necessitava de dois pares de orelhas (dobradiças), eliminando os batentes metálicos das janelas de batente (extremamente caros).

Vidro

Como inicialmente a maioria da construção dos Palheiros se destinava ao uso temporário, sobretudo para armazenagem dos elementos necessários à execução das actividades praticadas nestas zonas, a ausência completa de envidraçados não era de todo estranho. [5]

As aberturas existentes eram pouco mais de uma ou duas portas de acesso, as quais também funcionavam como ventilação; contudo, a evolução do edifício, bem como a mudança do mesmo para algo mais permanente, deu origem ao surgimento do envidraçado, aumentando o conforto. [5]

O vidro (fig. 36) utilizado era de pequenos formatos e instalado nas janelas com malhas de madeira rectangulares. [5]

Tintas

A exposição da madeira (principal material constituinte destas edificações) ao vento, que trazia consigo humidades da ria e do mar, fragilizava este material, daí que a aplicação de tinta fosse de carácter utilitário e, apenas posteriormente, de carácter estético. [5]

Inicialmente, para efeitos de protecção da edificação, era utilizada uma tinta de tonalidade avermelhada e pouco expressiva, a qual provinha da junção de pigmentos com óleo de linhaça ou sil. Posteriormente, foram introduzindo-se outras cores mais garridas e alegres, como amarelo, verde, vermelho vivo e azul (fig. 37), que eram normalmente sobras provenientes das tintas utilizadas nas pinturas dos barcos. [5]

Asfalto/Pedra/Adobe

O asfalto, a pedra e o adobe eram os materiais aplicados em menor escala. O asfalto (fig. 38) era aplicado na estacaria com a função de isolante, protegendo a madeira da humidade do solo; a pedra (fig. 38) era aplicada nas bases dos Palheiros mais rudimentares; o adobe (fig. 40) era o material utilizado para a concepção dos elementos cerâmicos, como por exemplo o tijolo.

A pouca utilização do adobe não tinha que ver directamente com a vertente económica, mas sim porque este material não se encontrava próximo da Costa Nova, pois o terreno desta zona era arenoso. Assim, o transporte deste material tornava-se difícil devido à precariedade viária naquela época. [5]



Fig. 32: Ripas de madeira de pinho. [34]



Fig. 33: Palha ou colmo, utilizado na cobertura. [35]



Fig. 34: Telha Marselha, o tipo de telha mais utilizado. [36]



Fig. 35: Fechadura antiga usada nos Palheiros.



Fig. 36: Vidro. [37]



Fig. 37: Tinta - vermelho amarelo e azul, as três cores mais usuais. [35]



Fig. 38: Asfalto. Surge só com o desenvolvimento viário. [39]



Fig. 39: Cascalho, usado no embasamento. [38]



Fig. 40: Blocos de adobe, usados para fundações e chaminés. [40]

3.5. PROCESSOS CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS

As semelhanças formais entre os vários Palheiros da Costa Nova são imensas. Contudo, existem elementos que conferem autenticidade a cada um deles.

Dada a falta de meios mecanizados para a execução destes edifícios que se verificava na altura, os processos de construção variavam de obra para obra. Nos elementos estruturais, nota-se a existência de um módulo, uma referência que funcionava como ponto de partida para a execução da obra, embora este fosse adaptado ou articulado com a obra em particular. A autenticidade estrutural de cada Palheiro acaba por ser transferida para elementos não estruturais, como por exemplo portas, janelas ou até mesmo diferentes tipos de acabamento de beirais.

Deste modo, torna-se necessário analisar os processos tradicionais que ainda se encontram no local, com recurso a imagens ilustrativas, que se encontram devidamente legendadas, tornando essa análise mais correcta e objectiva.

3.5.1. FUNDAÇÕES

Dos tipos de fundações que se apresentam no local, destacam-se os seguintes: fundações sobre soco (fig. 41) e sobre embasamento (fig. 44).

Tipo sobre soco:

- 1 - Travamento
- 2 - Prumo
- 3 - Tabuado horizontal exterior
- 4 - Frechal
- 5 - Tábua mata-juntas
- 6 - Reboco de regularização
- 7 - Bloco de adobe
- 8 - Argamassa
- 9 - Solo
- 10 - Sapata de fundação
- 11 - Tabuado de capa e camisa
- 12 - Rodapé
- 13 - Barrote de apoio de soalho
- 14 - Soalho
- 15 - Bloco de adobe

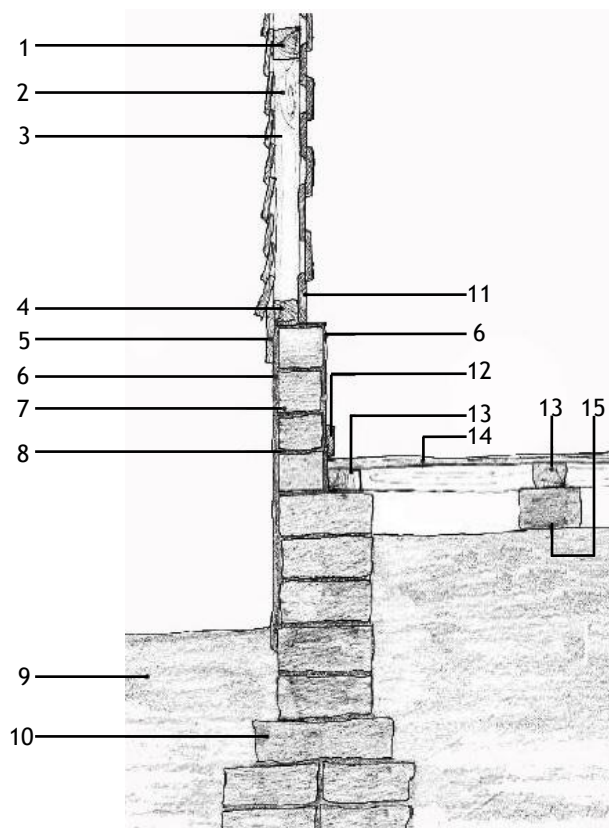


Fig. 41: Pormenor tipo, onde o soalho se apoia sobre adobe compactado. [5]



Fig. 42: Palheiro de José Estêvão. Detalhe dos blocos de adobe.



Fig. 43: Palheiro de José Estêvão. Palheiro construído sobre soco.

Tipo sobre embasamento:

- 1 - Travessamento
- 2 - Tabuado horizontal exterior
- 3 - Prumo
- 4 - Frechal
- 5 - Tábua mata-juntas
- 6 - Reboco
- 7 - Bloco de adobe
- 8 - Argamassa
- 9 - Solo
- 10 - Fundação
- 11 - Tabuado vertical interior
- 12 - Rodapé
- 13 - Soalho
- 14 - Barrote de apoio do soalho
- 15 - Regularização
- 16 - Enrocamento
- 17 - Solo compactado

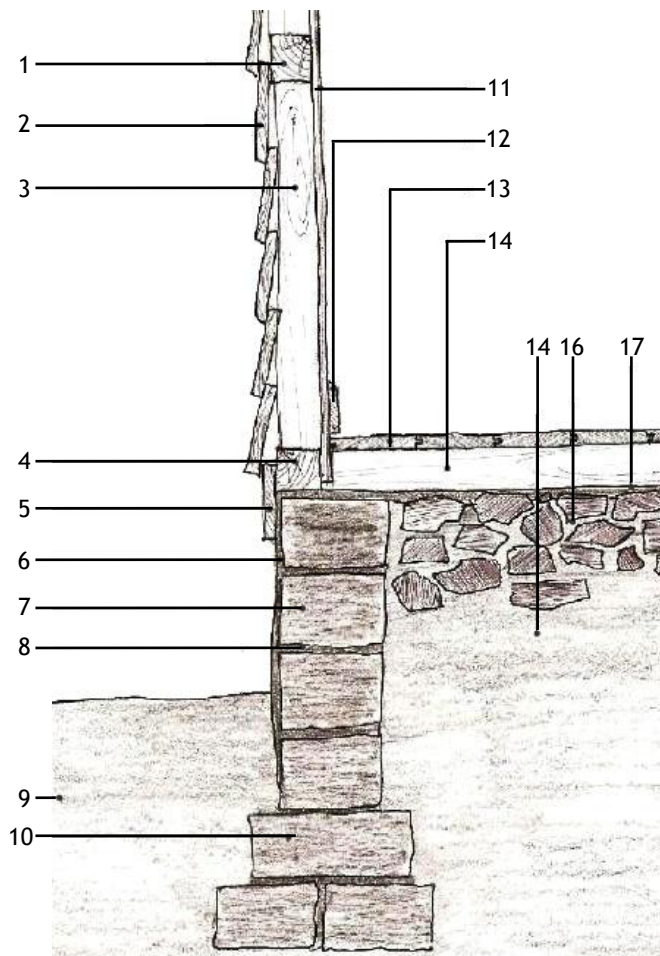


Fig. 44: Pormenor de Palheiro sobre embasamento. A plataforma do chão assenta sobre pequenos muros e, no interior do seu perímetro, encontra-se cascalho e solo compactado para enchimento. [5]

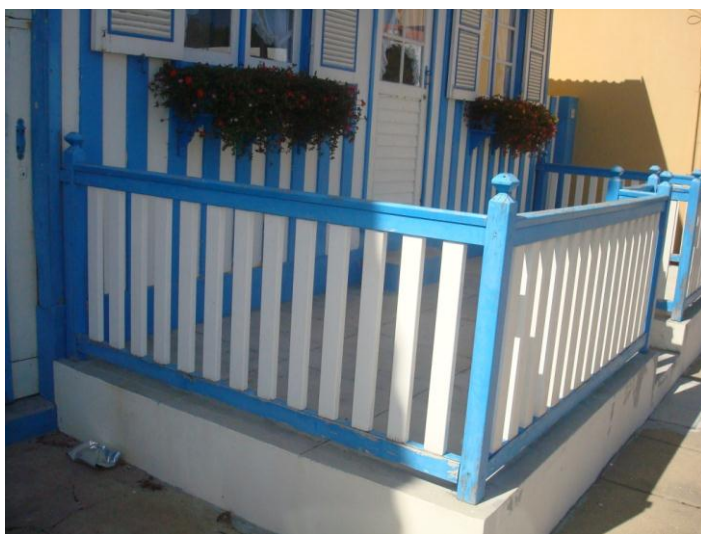


Fig. 45: Palheiro sobre embasamento.



Fig. 46: Palheiro construído segundo o tipo construtivo de fundação sobre embasamento.

3.5.2. SOBRADOS

Este tipo de estrutura de sobrado era mais utilizada em zonas como Esmoriz e Cortegaça. O sobrado (fig. 47) funcionava como um estrado, sendo uma solução estrutural usada nas lajes.

Recentemente, a Câmara Municipal de Ílhavo construiu uma réplica fidedigna de um Palheiro que outrora existiu na Costa Nova (fig. 48). Neste caso, esta estrutura rectangular dispõe de vigas principais (com uma secção maior) longitudinalmente, enquanto as secundárias (de secção menor) estão dispostas transversalmente (fig. 49).

Sobrado tipo 1

- 1 - Viga principal
- 2 - Viga secundária
- 3 - Moirão ou estaca

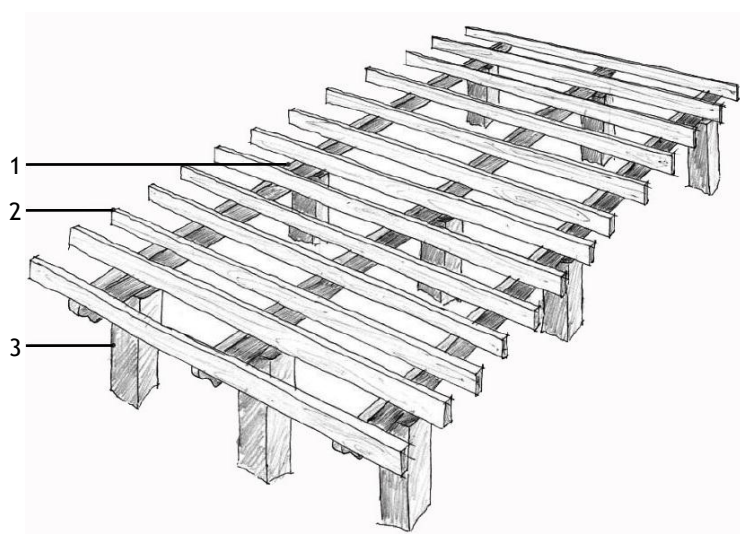


Fig. 47: Desenho da estrutura tipo de um sobrado. [5]



Fig. 48: Sobrado sobre estacas, Costa Nova.



Fig. 49: Pormenor de junção entre viga principal e viga secundária, Costa Nova.

Sobrado tipo 2

- 1 - Frechal ou viga principal
- 2 - Viga de Soalho ou viga secundária
- 3 - Prumo
- 4 - Frechal inferior
- 5 - Fundação
- 6 - Soco
- 7 - Solo compactado
- 8 - Fundação
- 9 - Solo

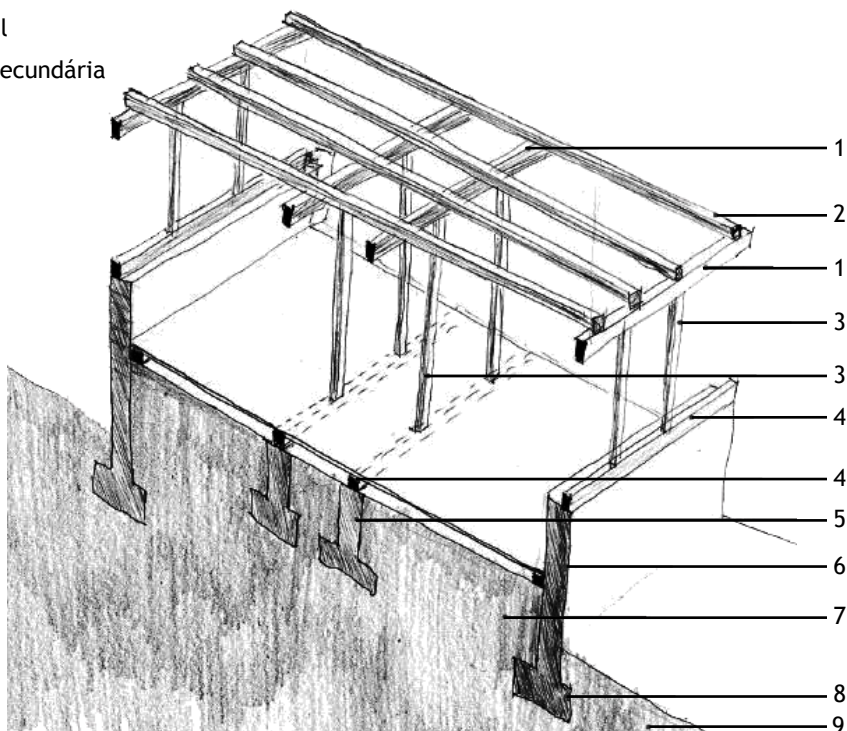


Fig. 50: Desenho de sobrado de Palheiro de piso térreo e andar, assente em fundação tipo soco. As vigas apoiam-se em prumos, suportando o seu peso. [5]



Fig. 51: Interior de um Palheiro. Os prumos, para além de suportarem a viga principal, formam entre si uma passagem (porta). [5]

3.5.3. COBERTURAS

Talvez seja na estrutura das coberturas que se encontram maiores diferenças. A estrutura da cobertura tradicional na Costa Nova não permitia a utilização do sótão como espaço habitável. Como refere Daniel Moutinho, a estrutura predominante no telhado a duas águas, era a estrutura tipo asna (fig. 52 a 58). Esta solução estrutural foi evoluindo ao longo do tempo, tornando-se mais segura e robusta. [5]

Asna tipo 1

- 1 - Pendural
- 2 - Perna
- 3 - Pau de fileira
- 4 - Madre
- 5 - Calço
- 6 - Linha
- 7 - Contra frechal
- 8 - Frechal
- 9 - Vara
- 10 - Nível
- 11 - Cavilha
- 12 - Escora

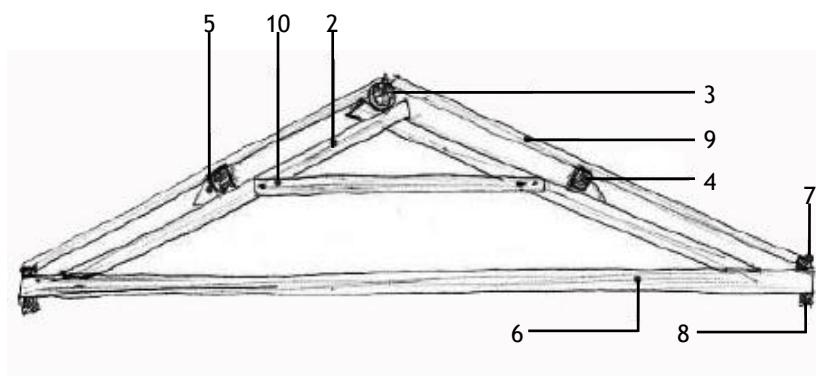


Fig. 52: Desenho de Asna tipo 1. Note-se a simplicidade estrutural. [5]

Asna tipo 2

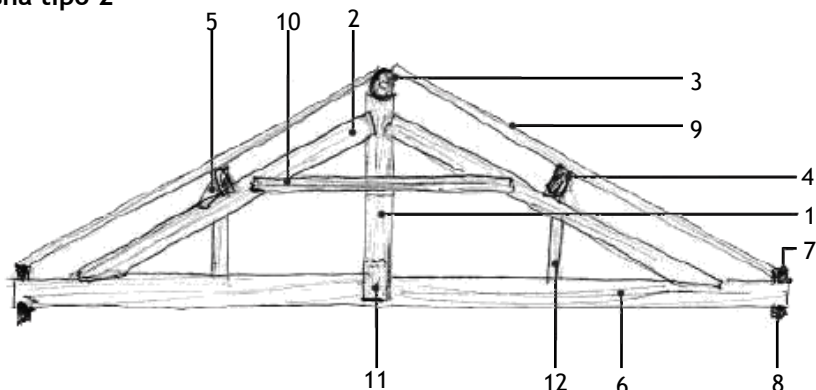


Fig. 53: Desenho de Asna tipo 2. Note-se a introdução do pendular para reforçar a estrutura. [5]

Asna tipo 3

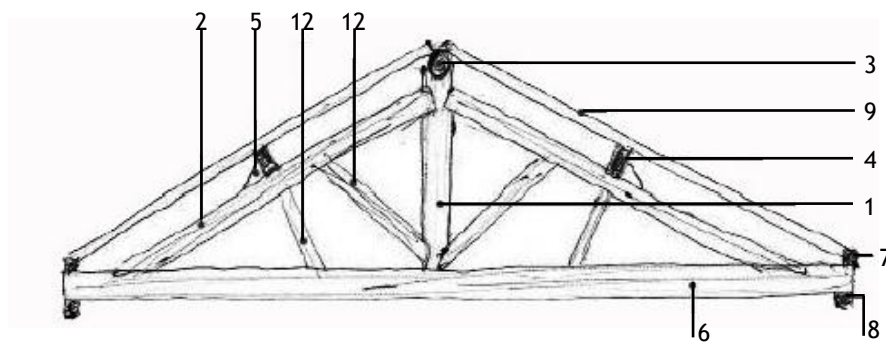


Fig. 54: Desenho de Asna tipo 3. Dos três tipos de estrutura é aquela que se apresenta como a melhor solução. Contudo, esta estrutura não permite a utilização do sótão para habitação. [5]

- 1 - Pendural
- 2 - Perna
- 3 - Pau de fileira
- 4 - Madre

- 5 - Calço
- 6 - Linha
- 7 - Contra frechal
- 8 - Frechal

- 9 - Vara
- 10 - Nível
- 11 - Cavilha
- 12 - Escora

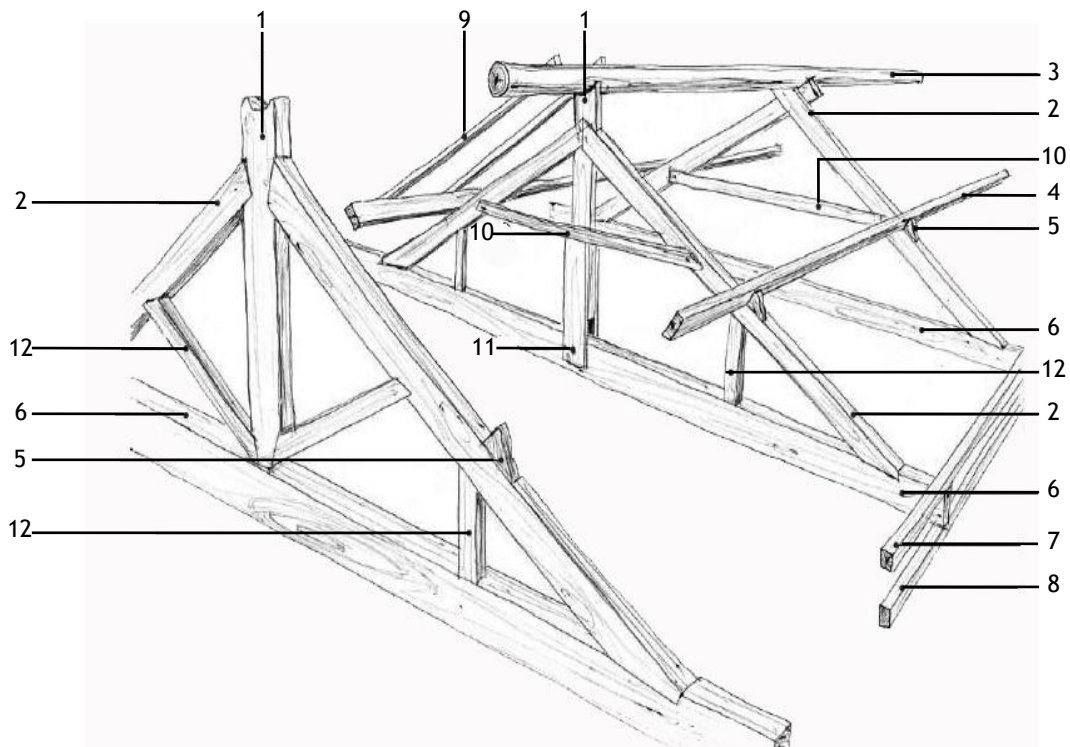


Fig. 55: Desenho de estrutura aplicando a asna tipo 3. [5]



Fig. 56: Pormenor de asna tipo 3, Costa Nova. [5]



Fig. 57: Pormenor de asna tipo 2, Costa Nova. [5]



Fig. 58: Pormenor de asna tipo 3, Costa Nova. [5]

3.5.4. PAREDES EXTERIORES

Em qualquer Palheiro do litoral, as paredes exteriores foram suportadas por uma moldura em madeira. À semelhança da gaiola pombalina (solução inspirada nos métodos tradicionais), os Palheiros apresentam uma malha de madeira com rectangular (fig. 59).

Estrutura

O frechal superior e o interior encontram-se unidos por traves de menor secção, espaçadas entre si de igual modo. No entanto, a grande diferença desta estrutura comparativamente com outras estruturas de madeira é o facto de esta possuir escoras nas extremidades da estrutura, conferindo assim maior estabilidade (fig. 60 e 61).

- 1 - Frechal superior
- 2 - Prumo
- 3 - Escora
- 4 - Frechal inferior

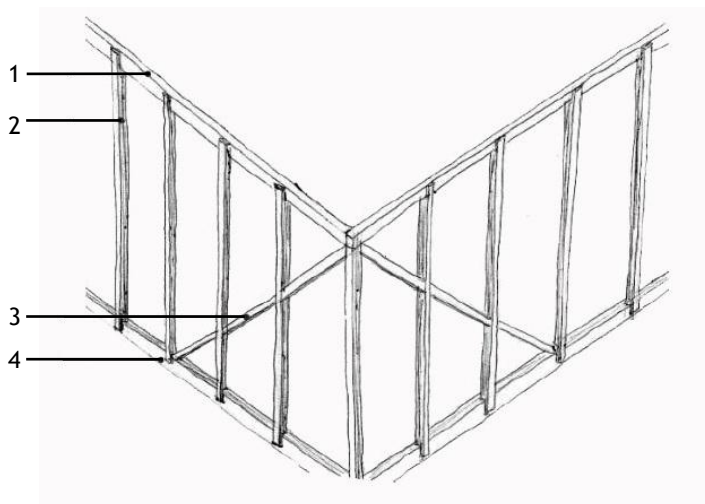


Fig. 59: Desenho de estrutura de paredes com a utilização de escoras. [5]



Fig. 60: Detalhe da estrutura com escoras.



Fig. 61: Estrutura com vigas verticais (prumos) e escoras. Note-se o igual espaçamento entre as vigas verticais.

Revestimento exterior

O exterior distingue-se, por um lado, pelo ripado horizontal nas laterais da edificação (fig. 62) e, por outro, pelo ripado disposto verticalmente nos topos da mesma (fig. 63). Contudo, em alguns exemplares pode observar-se que o ripado dos topos também foi disposto na horizontal (fig. 64 e 65).

- 1 - Prumo
- 2 - Ripado Horizontal
- 3 - Tábua mata-juntas

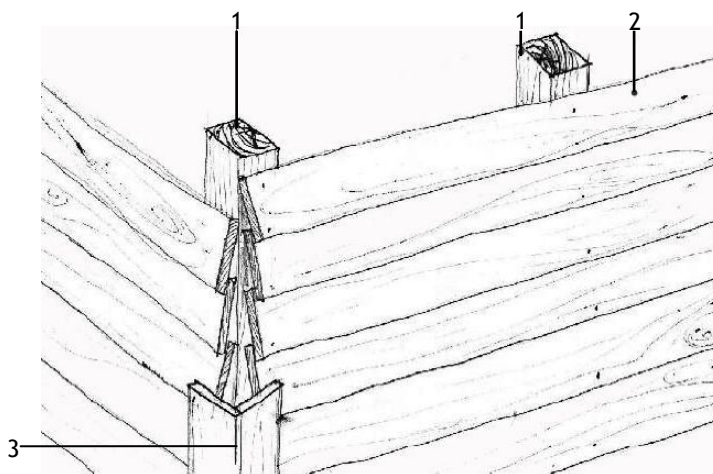


Fig. 62: Desenho de revestimento exterior aplicado horizontalmente em ambos os lados. [5]



Fig. 63: Palheiro com ripado horizontal nas laterais e vertical nos topos.



Fig. 64: Fachada devoluta de Palheiro com ripado horizontal.



Fig. 65: Lateral de um Palheiro. Note-se o menor tratamento do aspecto final.

- 1 - Trave interior
- 2 - Prumo
- 3 - Ripado vertical
- 4 - Ripa mata-juntas

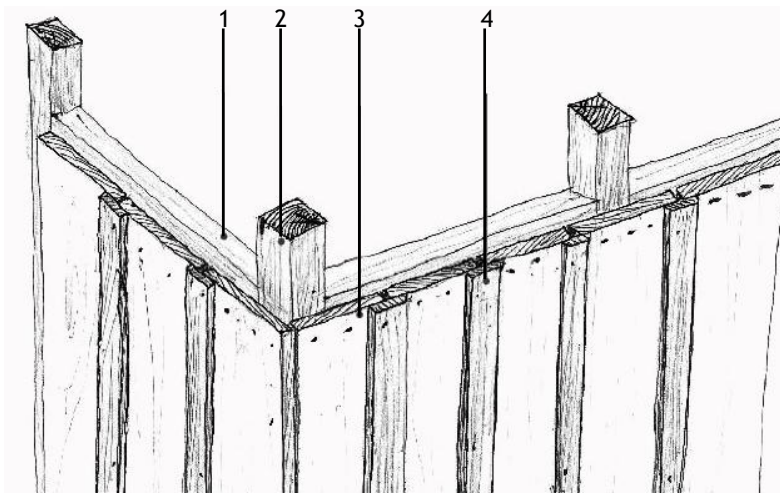


Fig. 66: Desenho de ripado vertical em ambos os lados. Note-se a utilização de ripas mata-juntas para melhor acabamento. [5]



Fig. 67: Lateral do Palheiro de José Estêvão. Note-se o ripado vertical e a utilização de ripas normais em detrimento das ripas mata-juntas.



Fig. 68: Fachada do Palheiro de José Estêvão.

3.5.5. CHAMINÉS

A chaminé aparecia no Palheiro como se de um apêndice se tratasse (fig. 70). Pode pensar-se que este pormenor fosse resultado directo da transição de um Palheiro armazém para um Palheiro habitação. De facto, essa transição funcional também foi uma das causas para que a chaminé fosse um extra na fachada do Palheiro; no entanto, não foi a única razão. A fácil combustão da madeira levou a que os construtores pensassem num método de construção que impedisse o contacto da madeira com o fogo. Esse método encontra-se explicado nos esquemas que se seguem (fig. 69).

- 1 - Vara
- 2 - Telha marselha
- 3 - Ripado
- 4 - Contra frechal
- 5 - Linha
- 6 - Frechal
- 7 - Tabuado vertical
- 8 - Ripa mata-juntas
- 9 - Boca de lareira
- 10 - Ripa mata-juntas
- 11 - Frechal inferior
- 12 - Suporte do soalho
- 13 - Enrocamento
- 14 - Blocos de adobe (fundações)
- 15 - Saco de chaminé
- 16 - Argamassa (reboco)
- 17 - Blocos de adobe

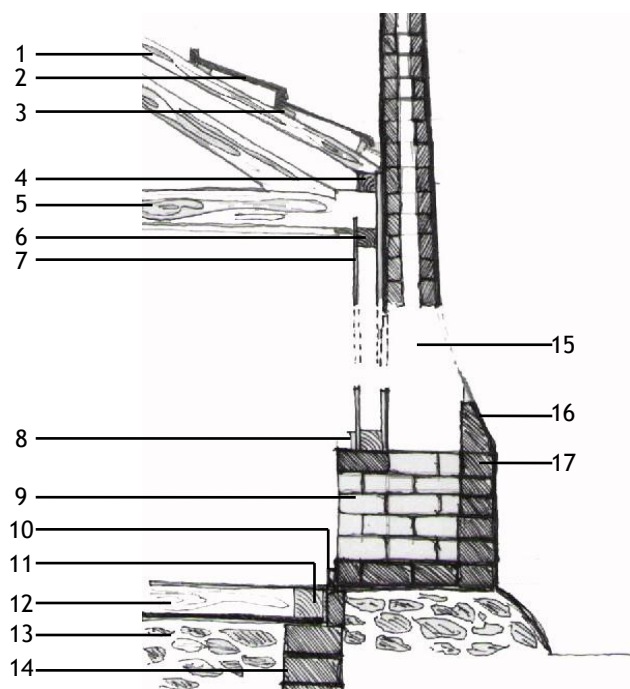


Fig. 69: Desenho da estrutura da chaminé e como esta se desenvolve a par da fachada lateral do Palheiro. Pode perceber-se que a madeira não está em contacto directo com os blocos de adobe.



Fig. 70: Palheiro de ripado horizontal, no qual está apoiada a chaminé.

3.5.6. VARANDAS

As varandas eram construídas apenas nas fachadas principais dos Palheiros e só quando estes se desenvolviam em dois andares (fig. 72). Na Costa Nova, a solução encontrada para a execução deste tipo de varanda era o prolongamento das traves longitudinais do sobrado. Como referido no sobrado, as traves longitudinais tinham uma secção grande, tornando então possível suportar o peso da varanda (fig. 71).

- 1- Ripa do guarda corpos
- 2- Corrimão
- 3- Soalho exterior
- 4- Remate exterior do g. corpos
- 5- Rodapé
- 6- Tábua de fecho
- 7- Ripado de ventilação
- 8- Porta do rés-do-chão
- 9- Pinázia
- 10- Vidro
- 11- Betume
- 12- Travessa intermédia do caixilho
- 13- Travessa
- 14- Almofada
- 15- Soalho interior
- 16- Viga de apoio
- 17- Revestimento do tecto
- 18- Travessa inferior
- 19- Travessa inferior do caixilho
- 20- Soleira
- 21- Ripado vertical exterior
- 22- Viga de varanda
- 23- Alizare exterior
- 24- Frechal inferior
- 25- Frechal superior
- 26- Soalho interior, rés-do-chão
- 27- Sobrado inferior
- 28- Chão

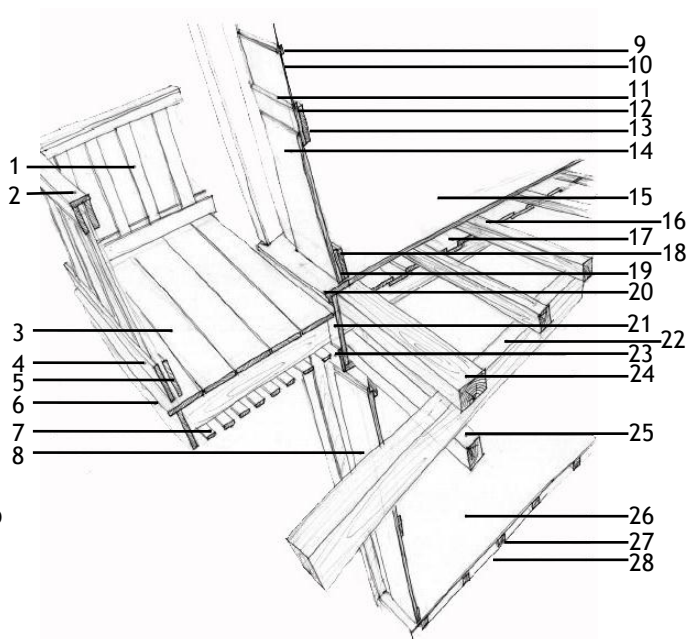


Fig. 71: Esquema de varanda construída num Palheiro da Costa Nova. A estrutura é apoiada no sobrado intermédio. [5]



Fig. 72: Elementos estruturais expostos dada a degradação da varanda.

3.5.7. ESCADAS

Grande parte dos Palheiros encontrava-se elevada em relação às zonas de passagem das pessoas ou da areia (fig. 74). Assim, foram construídas escadas para possibilitar o acesso aos Palheiros. Como já referido, por vezes os Palheiros eram transportados de local para local, daí que as escadas construídas pudessem ser também desmontadas ou facilmente separadas dos Palheiros. Contudo, a evolução do Palheiro e sua respectiva fixação ao solo permitiu a utilização de outros materiais para a construção de escadas. No caso dos Palheiros sobre embasamento ou soco, as escadas foram executadas com blocos de alvenaria rebocados (fig. 73).

Escadas em bloco de alvenaria (rebocado)

- 1 - Travessamento
- 2 - Ripado vertical exterior
- 3 - Prumo
- 4 - Frechal
- 5 - Tábua mata-juntas
- 6 - Reboco
- 7 - Solo compactado
- 8 - Bloco de adobe
- 9 - Enrocamento
- 10 - Apoio do soalho
- 11 - Soalho
- 12 - Ripado vertical interior

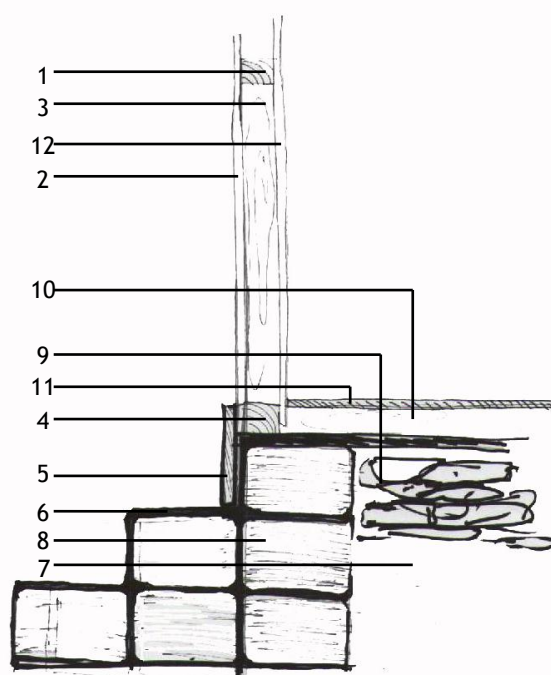


Fig. 73: Desenho de escada executada em blocos de adobe. Note-se que no bloco de adobe junto da parede é aplicada uma tábua mata juntas.



Fig. 74: Palheiro sobre embasamento, no qual estão presente os degraus de adobe rebocados.

Escadas executadas em madeira.

As escadas executadas em madeira são o tipo de escada mais antigo. Sendo executadas de forma sábia, as escadas necessitavam apenas de três elementos construtivos (fig. 75 e 76). Com a fixação dos Palheiros ao solo e a constante necessidade de manutenção, este tipo de escada deixou de ser utilizado. Actualmente, na Costa Nova existe apenas um exemplar das escadas executadas em madeira (fig. 77 e 78).

- 1 - Cobertor
- 2 - Cunha
- 3 - Perna
- 4 - Cavilha ou prego

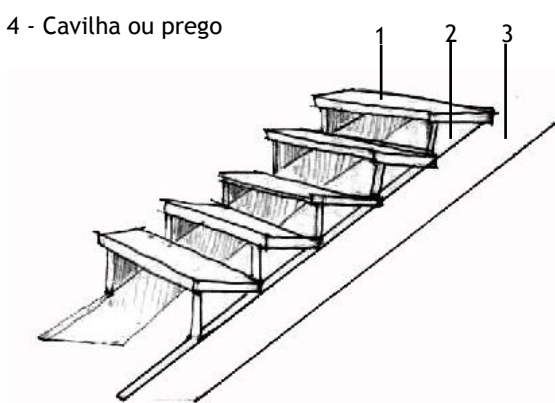


Fig. 75: Desenho de escada executada em madeira.

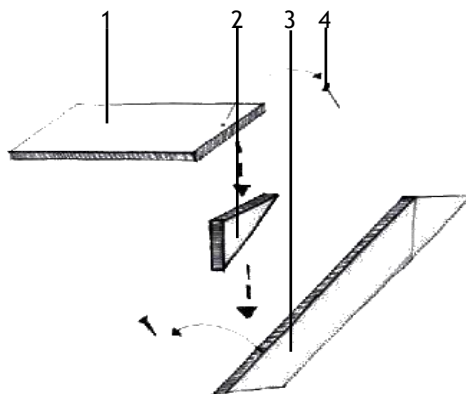


Fig. 76: Desenho dos elementos constituintes da escada.



Fig. 77: Escada executada integralmente em madeira, pormenorização do degrau.



Fig. 78: Escada executada integralmente em madeira, vista geral.

3.5.8. JANELAS

Após a adaptação total dos Palheiros à função de habitação, começaram a aparecer janelas de vários tipos. A janela de guilhotina (fig. 79) era o tipo de janela que se usava com maior frequência; contudo, ainda hoje se encontram alguns exemplares de janelas de batente, de duas (fig. 81) ou apenas uma folha (fig. 84). A razão para a utilização da janela de guilhotina (fig. 80) reside no facto de esta não precisar de tantas ferragens como as janelas de batente.

Janela de guilhotina

- 1 - Tabuado vertical inferior
- 2 - Travessa de padieira
- 3 - Alizare interior
- 4 - Guarnição de corrediça
- 5 - Aro
- 6 - Travessa superior de folha fixa
- 7 - Couceira de folha fixa
- 8 - Vidro
- 9 - Pinázio
- 10 - Orelha de segurança
- 11 - Couceira móvel
- 12 - Prumo
- 13 - Peitoril
- 14 - Ripa mata juntas
- 15 - Chapa
- 16 - Alizare exterior
- 17 - Tabuado vertical exterior
- 18 - Travessa inferior folha fixa
- 19 - Ripa de apoio da folha fixa
- 20 - Couceira de folha móvel
- 21 - Travessa inferior da folha móvel

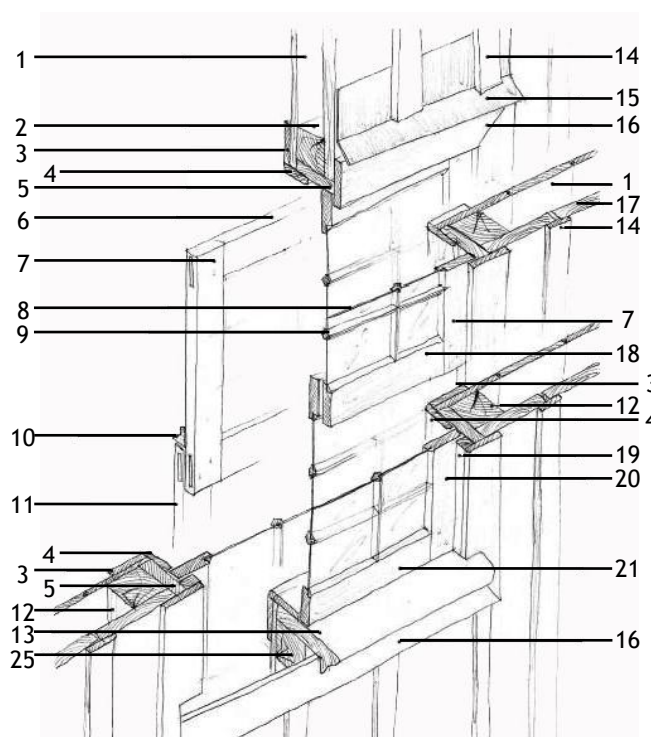


Fig. 79: Desenho da janela tipo guilhotina. Modo de funcionamento e construção. [5]



Fig. 80: Palheiro reconstruído, onde foram aplicadas janelas de guilhotina.

Janela de batente (duas folhas)

A janela de batente de duas folhas, comparativamente com a de guilhotina, tornava-se mais dispendiosa. No entanto, esta era também utilizada, pois a abertura das duas folhas permitia maior entrada de ar, ventilando de forma natural o interior do Palheiro (fig. 81 a 83).

- 1 - Alizare exterior
- 2 - Travessa superior
- 3 - Couceira de charneira
- 4 - Batente
- 5 - Ripa mata-juntas
- 6 - Rufo em chapa
- 7 - Tabuado vertical
- 8 - Alizare interior
- 9 - Padieira
- 10 - Aro
- 11 - Pinázio
- 12 - Vidro
- 13 - Prumo
- 14 - Tabuado vertical exterior
- 15 - Betume
- 16 - Travessa inferior
- 17 - Peitoril
- 18 - Travessa de peitoril

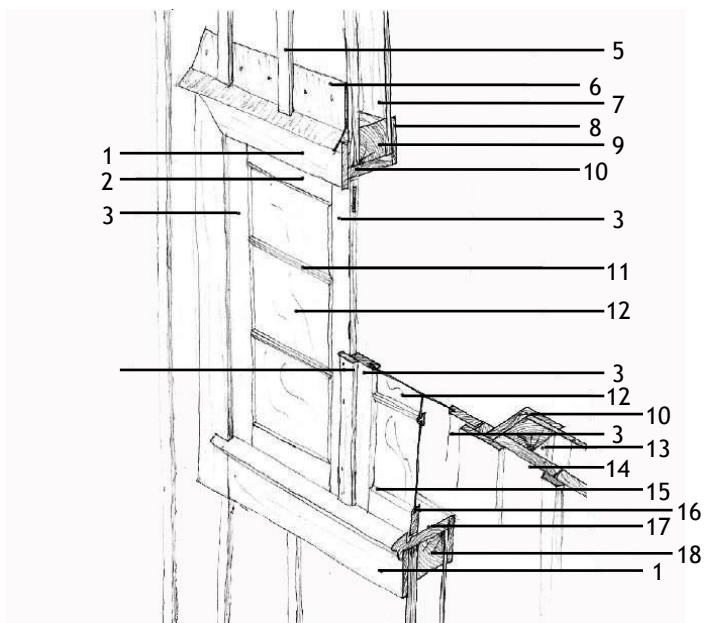


Fig. 81: Desenho de janela de batente com duas folhas. [5]



Fig. 82: Janela de batente aplicada na fachada principal do Palheiro.



Fig. 83: Detalhe da janela de batente. Note-se a moldura de madeira em torno da mesma.

Janela de batente (uma folha)

A janela de batente de uma folha (fig. 84) tornava-se uma solução muito útil para aberturas de menores dimensões (fig. 85). Dado que possuía apenas uma única folha, não precisava de tantas dobradiças como a janela de duas folhas.

- 1 - Tabuado vertical interior
- 2 - Pré-aro
- 3 - Couceira de chameira
- 4 - Vidro
- 5 - Dobradiça
- 6 - Alizare exterior
- 7 - Tábua de peitoril
- 8 - Revestimento exterior
- 9 - Fecho inferior
- 10 - Betume
- 11 - Pinário
- 12 - Travessa inferior
- 13 - Aro
- 14 - Alizare interior
- 15 - Prumo

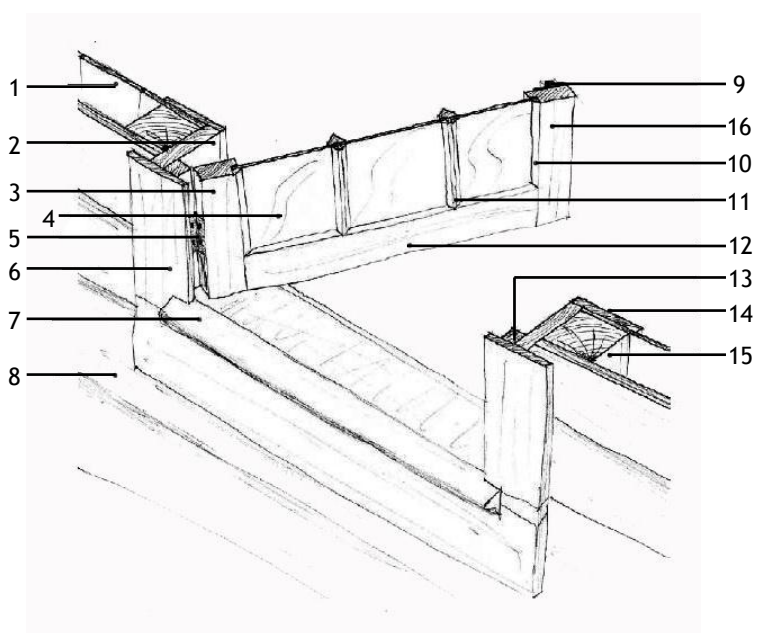


Fig. 84: Desenho de janela de batente de uma folha. [5]



Fig. 85: Detalhe de janela de batente.

3.5.9. PORTAS

As portas que se encontram nos Palheiros da Costa Nova são simples, embora alguns Palheiros hoje possuam portas com janela e algum trabalhado na madeira. Podem observar-se dois tipos de portas: porta de uma folha (fig. 88) e porta de duas folhas (fig. 86).

Porta (duas folhas)

A entrada principal de alguns Palheiros possuía dimensões maiores (largura), fazendo-se assim diferenciar de outras entradas (fig. 86). Dado que nem sempre era necessário toda a largura da porta, a movimentação de uma única folha tornava-se mais fácil para os habitantes (como as portas eram construídas em madeira, a utilização de duas folhas de porta permitia a redução do peso da mesma).



Fig. 86: Porta de duas folhas, na fachada principal.

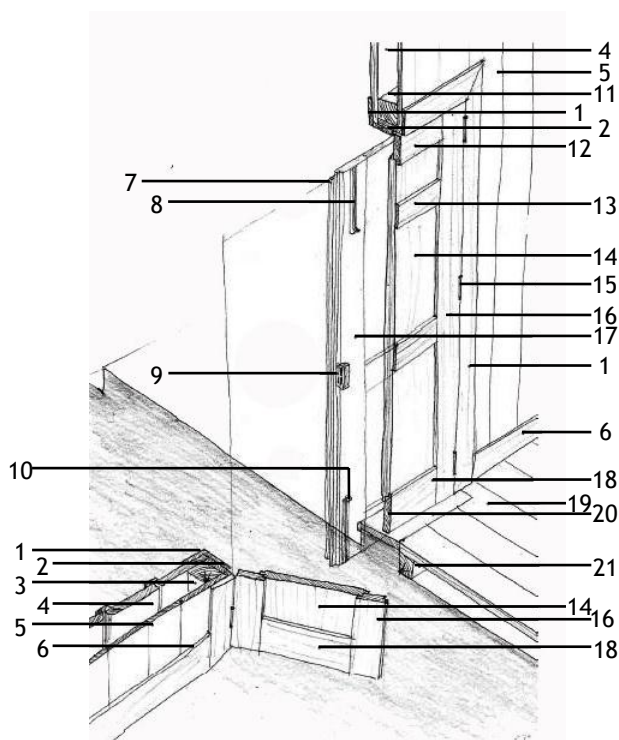


Fig. 87: Desenho de porta de duas folhas, vista do interior. [5]

- | | | |
|-------------------------------|--------------------------|----------------------------|
| 1 - Alizare exterior | 8 - Fecho superior | 15 - Dobradiça |
| 2 - Batente do aro | 9 - Fechadura | 16 - Couceira de charneira |
| 3 - Prumo | 10 - Fecho inferior | 17 - Couceira de batente |
| 4 - Tabuado vertical interior | 11 - Padieira | 18 - Travessa inferior |
| 5 - Tabuado vertical exterior | 12 - Travessa superior | 19 - Soalho interior |
| 6 - Rodapé | 13 - Travessa intermédia | 20 - Tábua de soleira |
| 7 - Batente | 14 - Almofada | 21 - Viga de apoio |

Porta (uma folha)

A porta de uma folha (fig. 89) era utilizada na maioria dos Palheiros, independentemente de ser entrada principal ou secundária (fig. 88). Como esta porta era, normalmente, de menores dimensões do que a porta de duas folhas, não se verificava a necessidade de distribuir o peso da madeira. Outro motivo pelo qual se construía estas portas de uma única folha era porque, em aberturas de menores dimensões, a utilização de duas folhas reduzia o espaço livre de passagem.



Fig. 88: Porta de acesso secundário, na traseira do Palheiro.

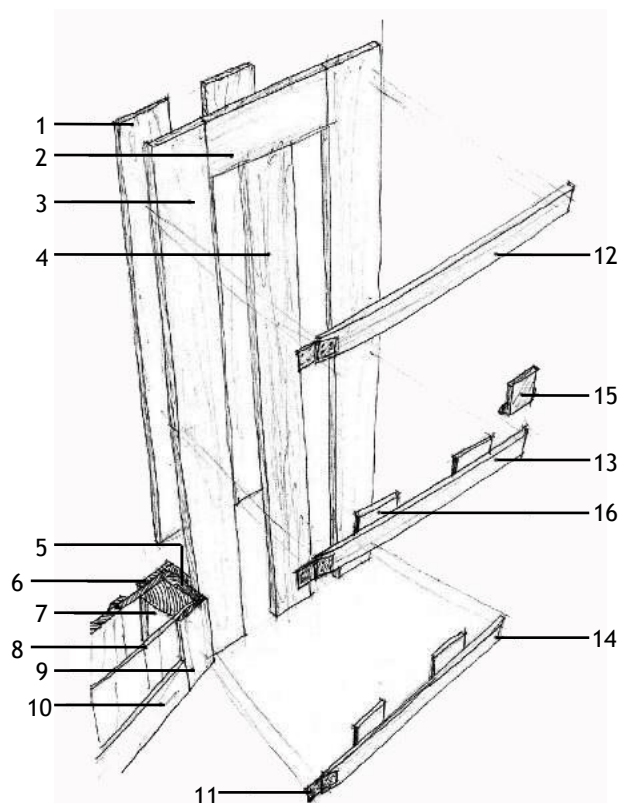


Fig. 89: Desenho das peças que constituem uma porta de uma folha. [5]

- | | | |
|---------------------------|-------------------------------|--|
| 1 - Almofada | 7 - Prumo | 13 - Travessa intermédia |
| 2 - Travessa | 8 - Tabuado vertical exterior | 14 - Travessa inferior |
| 3 - Couceira de charneira | 9 - Alizare | 15 - Fechadura |
| 4 - Couceira intermédia | 10 - Rodapé | 16 - Fixação entre almofada e travessa |
| 5 - Batente | 11 - Dobradiça | |
| 6 - Alizare | 12 - Travessa superior | |

3.5.10. PORTADAS

As janelas dos Palheiros tinham duas funções - ventilar o interior e oferecer-lhe iluminação natural. Contudo, estas aberturas reduziam a privacidade do interior, uma vez que os Palheiros se erguiam junto às zonas de passagem das pessoas. Então, para solucionar esta questão, foram criadas barreiras visuais como as portadas interiores e exteriores. No caso das portadas exteriores, para além de isolarem o interior do Palheiro do seu exterior, também protegiam as janelas do vento (que continuava a ser um elemento incomodativo apesar da florestação). As portadas interiores funcionavam à semelhança dos recentes *blackouts*, impedindo a passagem de iluminação exterior para o interior (fig. 90).

Portadas exteriores

Das portadas exteriores destacam-se dois tipos: as portadas que isolavam completamente a luminosidade exterior - tipo 1 (fig. 90), e as portadas que permitiam a entrada de alguma luminosidade - tipo 2 (fig. 93).

Tipo 1



Fig. 90: Portadas exteriores do Palheiro de José Estêvão.

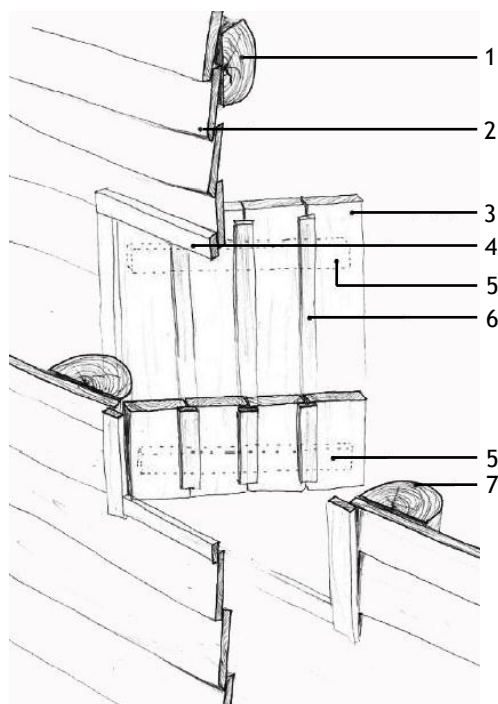


Fig. 91: Desenho de portada exterior que, neste caso, representa uma portada de uma folha. [5]

- 1 - Frechal
- 2 - Tabuado horizontal exterior
- 3 - Couceira de Batente
- 4 - Batente exterior

- 5 - Travessa de união
- 6 - Ripa mata-juntas
- 7 - Prumo

Tipo 2

A portada tipo 2 (fig. 92) permitia a entrada de alguma luz para o interior, daí que funcionasse melhor como barreira visual. De todas as portadas, esta é a mais complexa, conferindo ao Palheiro um aspecto mais delicado (fig. 93 e 94).

- 1 - Janela de guilhotina
- 2 - Couceira de charneira
- 3 - Travessa superior
- 4 - Dobradiça
- 5 - Grelha
- 6 - Guarnição da corrediça
- 7 - Aro
- 8 - Batente
- 9 - Travessa intermédia
- 10 - Travessa inferior
- 11 - Alizare exterior
- 12 - Tabuado exterior
- 13 - Padioira
- 14 - Tabuado interior
- 15 - Ripa mata-juntas
- 16 - Rufo em chapa
- 17 - Respiga
- 18 - Mecha
- 19 - Fecho superior
- 20 - Palmeta
- 21 - Tala de madeira
- 22 - Couceira de batente

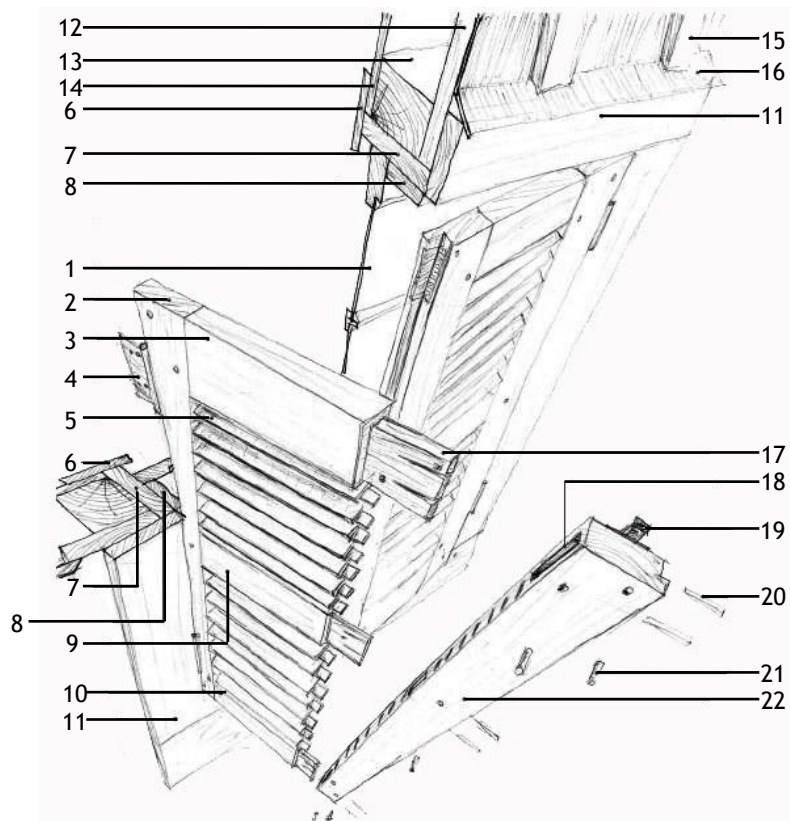


Fig. 92: Desenho de portada com grelha. De todos os tipos de portada, este é o mais elaborado. [5]



Fig. 93: Detalhe de portada com grelha.



Fig. 94: Fachada do Palheiro de José Estêvão. Note-se as portadas em todas as janelas.

Portadas interiores

Independentemente da existência ou inexistência de portadas exteriores, o rés-do-chão dos Palheiros eram equipados com portadas interiores (fig. 95 e 96). Em alguns casos, as janelas do primeiro piso (que ficam viradas para a frente) também possuíam portadas interiores (fig. 97).

- 1 - Janela de guilhotina
- 2 - Alizare exterior
- 3 - Prumo
- 4 - Tabuado Interior
- 5 - Tabuado Exterior
- 6 - Aro
- 7 - Alizare interior
- 8 - Couceira de charneira
- 9 - Almofada
- 10 - Couceira de batente
- 11 - Fixação entre almofada e travessa
- 12 - Dobradiça
- 13 - Travessa inferior
- 14 - Fecho inferior
- 15 - Fixação do fecho (em madeira)

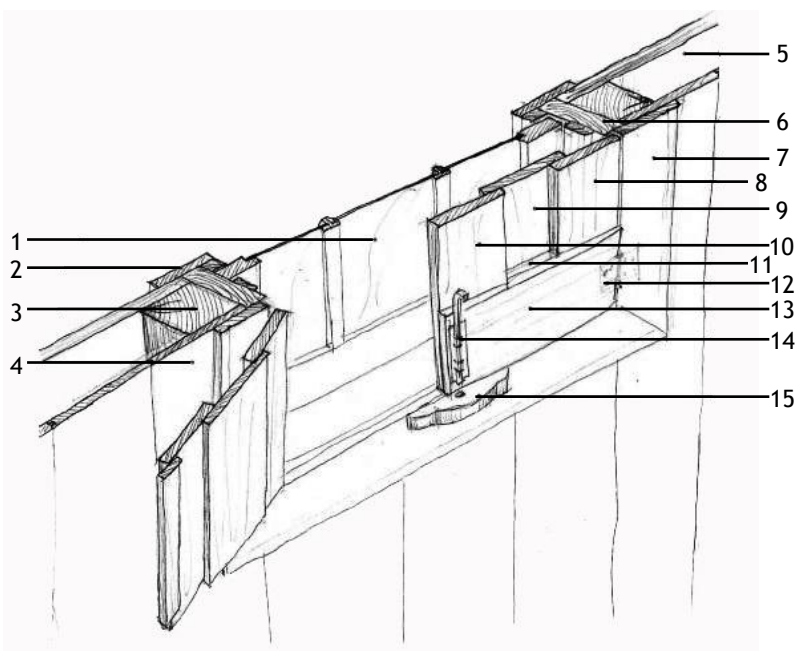


Fig. 95: Desenho de portada de duas folhas para aplicação no interior.
[5]



Fig. 96: Janela de guilhotina. Note-se as portadas interiores.



Fig. 97: Janela de batente. Note-se a portada interior.

3.5.11. BEIRAIS

Após a análise dos Palheiros da Costa Nova, deu-se conta que existem três tipos de execução de beiral. Este facto remete para a evolução do próprio Palheiro ou até mesmo para o processo construtivo de pormenores. A construção de um beiral da fachada principal apresentava normalmente melhor acabamento, demonstrando assim preocupação estética. Ao contrário dos beirais da fachada principal, nos beirais laterais a única preocupação era a funcionalidade dos mesmos.

Beiral de fachada lateral (tipo1)

Este tipo de execução (fig. 98) é a mais rudimentar de todas. Dado o pouco espaçamento entre a telha e o ripado exterior do Palheiro (fig. 99), a água pluvial incidia com facilidade na junção do ripado com o telhado. Consequentemente, este tipo de beiral foi pouco utilizado.

- 1 - Telha marseilha
- 2 - Vara
- 3 - Tábua de barbete
- 4 - Ripa
- 5 - Cornija
- 6 - Tábua de remate
- 7 - Ripa mata-juntas
- 8 - Tabuado vertical
- 9 - Prumo
- 10 - Frechal
- 11 - Sanca
- 12 - Linha
- 13 - Contra frechal
- 14 - Ripado

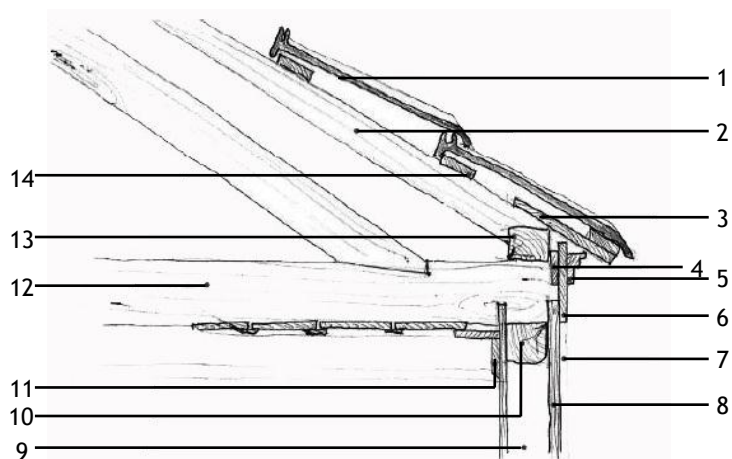


Fig. 98: Desenho descritivo de um beiral. A execução da junção entre a parede e a telha não requer muito pormenor. [5]



Fig. 99: Beiral lateral e frontal. Note-se o pouco espaço entre a ponta da telha e a parede vertical.

Beiral de fachada lateral (tipo 2)

Ao contrário do primeiro caso, o beiral de fachada lateral já possuía um maior espaçamento entre a telha e a junção do telhado com o ripado da parede exterior (fig. 100). Este tipo de beiral era usado quando aplicada telha Marselha no telhado. Porém, em alguns casos esporádicos, o beiral tipo 2 era também utilizado em telhados com telha de canal e coberta.

- 1 - Telha marseilha
- 2 - Ripa
- 3 - Tábua de barbante
- 4 - Ripa
- 5 - Tábua de fecho de beiral
- 6 - Tábua de forro
- 7 - Tábua de remate
- 8 - Tabuado vertical
- 9 - Ripa mata-juntas
- 10 - Prumo
- 11 - Frechal
- 12 - Sanca
- 13 - Linha
- 14 - Perna
- 15 - Vara

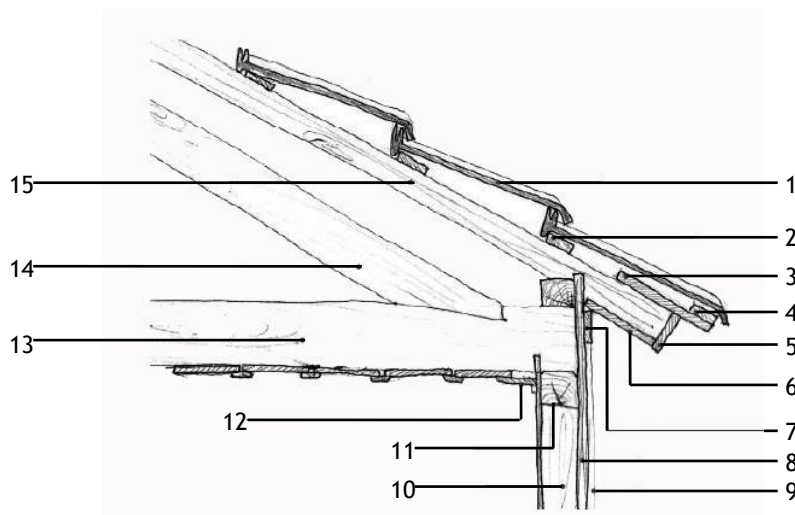


Fig. 100: Desenho descritivo de pormenor do beiral. Note-se o prolongar da vara aumentando, assim, a distância entre a telha e a parede. [5]



Fig. 101: Beiral tipo 2. Embora a telha utilizada não seja a telha marseilha, a execução deste não sofre alteração.

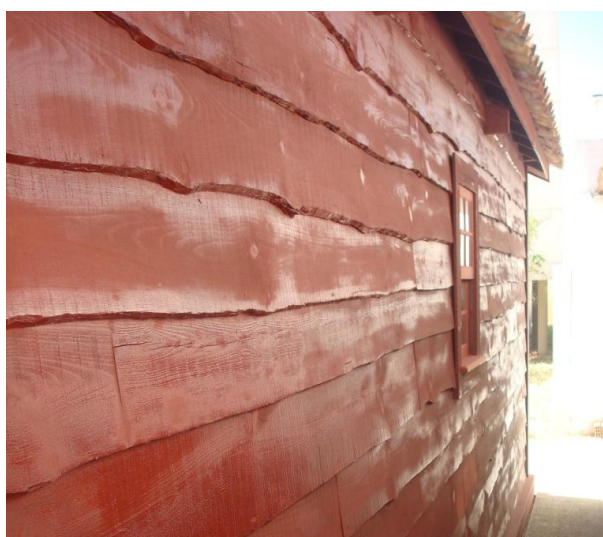


Fig. 102: Beiral tipo 2.

Beira de fachada principal

Este beiral foi sempre utilizado na fachada principal dos Palheiros (fig. 103). Dada a inclinação das águas do telhado, este tipo de execução podia ser dotado do mesmo tipo de revestimento que era usado nas varandas (fig. 104 e 105).

- 1 - Tábua fecho de beiral
- 2 - Tábua de remate
- 3 - Telha de canal e coberta
- 4 - Tábua de remate
- 5 - Tábua de forro
- 6 - Ripa
- 7 - Vara
- 8 - Madre
- 9 - Tabuado vertical

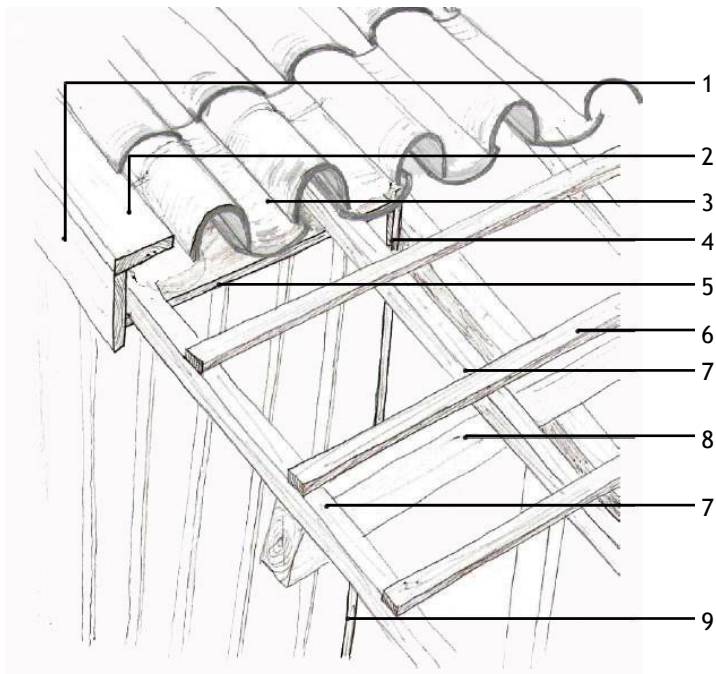


Fig. 103: Desenho de pormenor de um beiral de fachada principal. [5]



Fig. 104: Beiral da fachada principal.



Fig. 105: Fachada do Palheiro de José Estêvão. Note-se o revestimento no beiral.

CAPÍTULO 4

4.0. COMPONENTE PRÁTICA

4.1. POTENCIALIDADE CONTEMPORÂNEA DO TIPO DE EDIFICAÇÃO

4.1.1. PRESERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO

4.2. PROJECTO

4.2.1. DESENVOLVIMENTO

4.2.2. CONCEITO

4.2.3. MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

4.0. COMPONENTE PRÁTICA

4.1. POTENCIALIDADE CONTEMPORÂNEA DO TIPO DE EDIFICAÇÃO

4.1.1. PRESERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO

Aquando do surgimento deste tipo de edificação, as preocupações, as alternativas e as necessidades, eram totalmente diferentes das de hoje. Se, por um lado, as necessidades eram muitas, por outro, as alternativas faziam-se sentir no sentido inverso. Contudo, a capacidade imaginativa, aliada à extrema necessidade que os homens daquele lugar tinham, permitiu resolver a falta de pontos de apoio à pesca e posterior problema habitacional. [5]

A falta de meios técnicos e económicos, assim como a diminuta panóplia de materiais, deram origem a um tipo edificado único. A construção habilidosa com recurso a poucos materiais, como a madeira, o colmo e em pequena parte as ferragens, gerou edificações capazes de responder às diversas necessidades. A madeira, apesar de ser significativamente resistente, no caso da Costa Nova apresentava deficiências devido à sua constante exposição à humidade do mar e da ria, sendo então necessária a manutenção periódica das edificações, quer fossem habitações ou armazéns. Devido aos problemas financeiros já mencionados, este tipo de construção tradicional acabaria por ficar condenada ao seu desaparecimento.

Com o posterior aparecimento de novos materiais e mão-de-obra qualificada, os Palheiros, até então construídos unicamente por processos tradicionais, passaram a sofrer algumas transformações e a perder alguns detalhes mais tradicionais.

A constante construção de novos edifícios faz com que o aspecto do espaço esteja em frequente transformação. Este fenómeno acaba por ser a solução mais óbvia, porém, a identidade do local, toda a sua envolvência e antepassados vão-se perdendo, descaracterizando qualquer que seja o espaço em questão.

Gozando de uma certa voga, a requalificação urbana apresenta-se como uma boa alternativa para potencializar os valores destes aglomerados de edificado. Além de se poder preservar algo que faz parte do espólio arquitectónico português, pode também perpetuar-se a memória e identidade do local. [41]

Embora pareça um pouco contraditório, a construção de raiz de novos Palheiros poderia ser uma boa solução. Contudo, existe uma negligência moral por parte dos executantes de novos

projectos para a zona da Costa Nova. Existem elementos que foram introduzidos nos Palheiros “da actualidade” que apenas perturbam a imagem de um objecto arquitectónico.

Dada a vulnerabilidade do tipo de construção em estudo deveriam preservar-se os poucos exemplares ainda existentes. [41]

A pureza formal e material daquilo que se construiu possui uma força tradicional, capaz de ser potencializada através de métodos mais contemporâneos, quer sejam eles da produção de materiais ou da posterior aplicação. O surgimento de novos conceitos da habitação e da funcionalidade devem ser inseridos nestes meios de forma equilibrada e, assim sendo, esta potencialização ajuda a preservar um movimento marcado por uma série de condicionantes que hoje não existem.

4.2. PROJECTO

4.2.1. DESENVOLVIMENTO

A intervenção, por parte do arquitecto, e a criação de um objecto arquitectónico em locais com uma forte identidade deve ter como base uma análise, na qual se contemplam aspectos de diferentes grandezas, desde a escala urbana, na tentativa de se perceber o modo como o aglomerado urbano se foi desenvolvendo, até ao local específico que será alvo da intervenção arquitectónica. [42]

As intervenções que têm ocorrido na Costa Nova vieram transmutar o tipo arquitectónico que, conseqüentemente, acabou por modificar o espaço urbano. Esta transformação, desde que bem concebida, pode potencializar o espaço e o arquétipo arquitectónico; contudo, essa potencialização não se verifica. A construção de blocos de betão forrados com azulejaria às riscas e aberturas de luz tentam camuflar a única razão pela qual surgem os “Palheiros contemporâneos” - a razão económica. [3]

Aquilo que aqui se pretende não é a criação de um novo protótipo arquitectónico, mas sim a potencialização do protótipo existente, o tradicional. Assim, com esta potencialização do Palheiro, pretende-se criar um objecto contemporâneo capaz de respeitar a memória do passado, não de uma forma nostálgica, mas sim retendo aquilo que realmente se mostra importante. A linguagem formal do objecto criado deve, portanto, criar uma relação íntima com o arquétipo tradicional (Palheiro tradicional), demonstrar a influência deste e, naturalmente, deve também criar uma relação íntima com a identidade local.

Assim, de seguida, apresentam-se os diversos factores/conceitos preponderantes para a criação da linguagem formal do objecto contemporâneo e respectivo conceito. [43]

Composição urbana

O facto da Costa Nova ser uma zona onde as pessoas, na sua maioria, desenvolviam a sua vida laboral em torno do mar e da ria fez com que o tecido urbano neste local se desenvolvesse em torno de dois eixos paralelos entre si - o eixo do mar e o eixo da ria (fig. 106). Aquando do desenvolvimento viário, notou-se uma inicial organização da implantação dos Palheiros, a qual se apresenta perpendicularmente aos dois eixos atrás referidos.

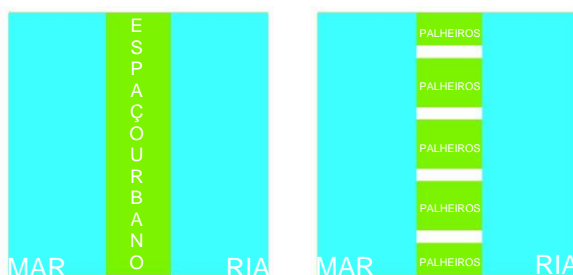


Fig. 106: Composição urbana. Demonstração do paralelismo entre os eixos formados pelo mar e pela ria e, como contraponto, a perpendicularidade de implantação dos Palheiros em relação a esses mesmos eixos.

Configuração do espaço interior

A organização e o desenvolvimento dos espaços interiores traduzem a perpendicularidade do edifício em relação aos eixos mar e ria. A planta tipo do rés-do-chão do Palheiro desenvolve-se longitudinalmente, destacando-se o corredor central, no qual convergem todos os espaços interiores (fig. 107), independentemente de serem de carácter íntimo, como os quartos, ou de carácter mais social, como a cozinha ou a sala.



Fig. 107: Distribuição do espaço interior. A distribuição esquemática dos espaços interiores (assinalados a roxo) e o corredor central pretende demonstrar a continuação da perpendicularidade entre o Palheiro com o mar e ria.

Simetrias *versus* assimetrias

A organização interior do Palheiro acaba por se transmitir nas fachadas exteriores. A simetria das aberturas (portas e janelas) ajuda a marcar a pureza formal do edifício. Esta simetria advém também da preocupação estética dada à fachada principal. Embora a simetria se

tenha verificado durante muito tempo, e partindo do pressuposto de que se encontra ligada ao desenvolvimento interior, deixa de fazer sentido no momento em que a linearidade do corredor central desaparece, dado o surgimento de vários fogos em que cada piso dos Palheiros se foi transformando.

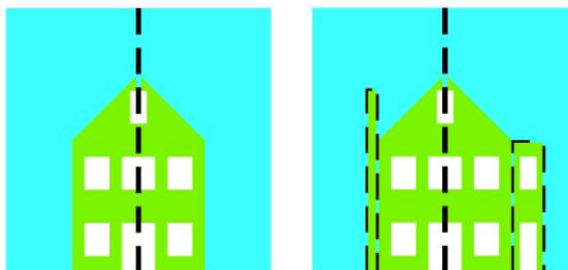


Fig. 108: Simetria *versus* assimetria. A introdução de apêndices à forma inicial cria a assimetria verificada inicialmente.

Flexibilidade

A flexibilidade foi um facto preponderante na evolução do Palheiro, tanto em termos formais como organizacionais. Como referido na parte teórica, o Palheiro foi alvo de transformações a nível funcional. Apesar de mostrar ser um objecto puro e inocente, o Palheiro foi capaz de se adaptar às novas funções que lhe foram atribuídas. Inicialmente, este respondia a funções elementares; contudo, foi-se transformando em habitação de pescadores e, posteriormente, de veraneantes, originando assim o aparecimento de acréscimos com o intuito de responder às alterações funcionais do Palheiro. [5]

A flexibilidade, embora seja um tema discutido com maior intensidade apenas na actual conjuntura social, cultural e económica, tornou-se uma mais-valia para a criação de vários fogos num único piso. Contudo, o papel que se pretende da flexibilidade no objecto a criar não se prende com a possibilidade de este responder a várias funções, mas sim com a possibilidade de este funcionar como habitação temporária ou permanente, possibilitando a criação de espaços consoante a necessidade da família ou do grupo de pessoas que podem ocupar o espaço, permitindo deste modo atingir um maior público-alvo. [44]



Fig. 109: Conceito da flexibilidade ocupacional. Pretende demonstrar-se que a flexibilidade deve ser articulada com os espaços mais rígidos, embora a existência de espaços livres esteja dependente da articulação entre rígido e flexível.

Luz

Como já referido, os diferentes momentos (tradicional e contemporâneo) são marcados por diferentes contextos. Se antes havia preocupação com o constante movimento da areia arrastada pelo vento, já com a iluminação natural essa preocupação não se fazia perceber. Actualmente, as preocupações são outras, assim como os meios técnicos ao dispor do arquitecto. Deste modo, a iluminação natural afigura-se como factor preponderante na concepção formal do objecto contemporâneo (fig. 111).

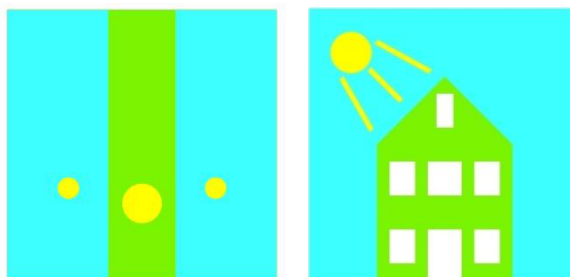


Fig. 111: Posicionamento do Palheiro face à exposição solar. O posicionamento demonstrado é o mais favorável à exposição solar. Assim, deve potencializar-se a sua forma de modo a absorver a luz natural necessária à sua salubridade.

4.2.2. CONCEITO

Dada a necessidade da existência de uma linguagem formal entre os dois momentos (tradicional e contemporâneo), as escolhas do tipo construtivo e do material no qual se irá basear devem apresentar-se em concordância com o local. A relação entre esses dois momentos, como já referido, deve resultar num equilíbrio entre eles. Assim sendo, a execução do edifício contemporâneo apenas deverá conter processos construtivos contemporâneos quando estes demonstrem ser vitais à salubridade do mesmo. Contudo, torna-se importante perceber, nesta fase, quais as mudanças que ocorreram entre os dois momentos (tradicional e o contemporâneo). [45]

A composição urbana desenvolveu-se de acordo com o paralelismo entre ria e mar, o que acabou por influenciar não só o posicionamento da base do Palheiro, como também o seu desenvolvimento interior. Na Costa Nova, as pessoas viviam em função da ria e do mar; actualmente, esse facto ainda se presencia, todavia de formas diferentes. A transição da ria e do mar de espaços laborais para espaços de lazer trouxe todo um conjunto de elementos adicionais à base inicial do Palheiro, resultando na perda da legibilidade e linearidade dos percursos interiores. [46]

Em termos organizacionais, a perda do corredor central (a partir do qual se organizavam as várias divisões) e o aparecimento de um bloco central (no qual se desenvolve o programa

funcional) deve ser assumida. A simetria existente na fachada (consequência directa da divisão central do Palheiro) deve, portanto, desaparecer e dar lugar a uma assimetria. Contudo, essa assimetria deve apresentar-se de forma assertiva e não de forma aleatória; o interior do Palheiro e a sua configuração devem actuar como elementos estimuladores das aberturas nas fachadas. A articulação dos espaços interiores deve ser pensada de um modo capaz de compreender o conceito da flexibilidade. Assim, será importante a utilização de elementos móveis capazes de responder a várias necessidades ocupacionais, mantendo o equilíbrio e harmonia criada na divisão espacial.

A orientação do Palheiro tradicional demonstra ser a mais coerente no que à iluminação natural diz respeito. Apesar dos Palheiros se encontrarem em banda, a criação de zonas de duplo pé direito permitiu a criação de espaços intermédios providos de luz. A incidência solar acaba também por influenciar a forma arquitectónica.

Para melhor compreensão do conceito apresentam-se, de seguida, esquemas representativos da evolução conceptual do objecto que se pretende projectar (fig. 112 a 116).

Articulação entre processos construtivos tradicionais e contemporâneos



Fig. 112: Elementos construtivos contemporâneos (assinalados a preto) *versus* elementos tradicionais (assinalados a branco).

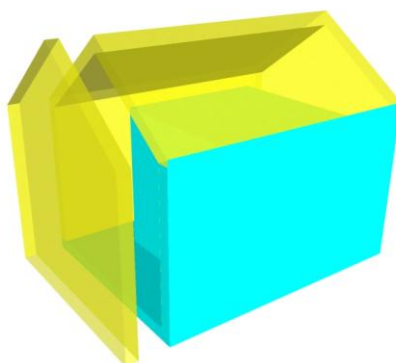


Fig. 113: Demonstração da forma como os elementos construtivos contemporâneos devem ser articulados com os tradicionais.

Influência da composição urbana no desenvolvimento interior dos espaços

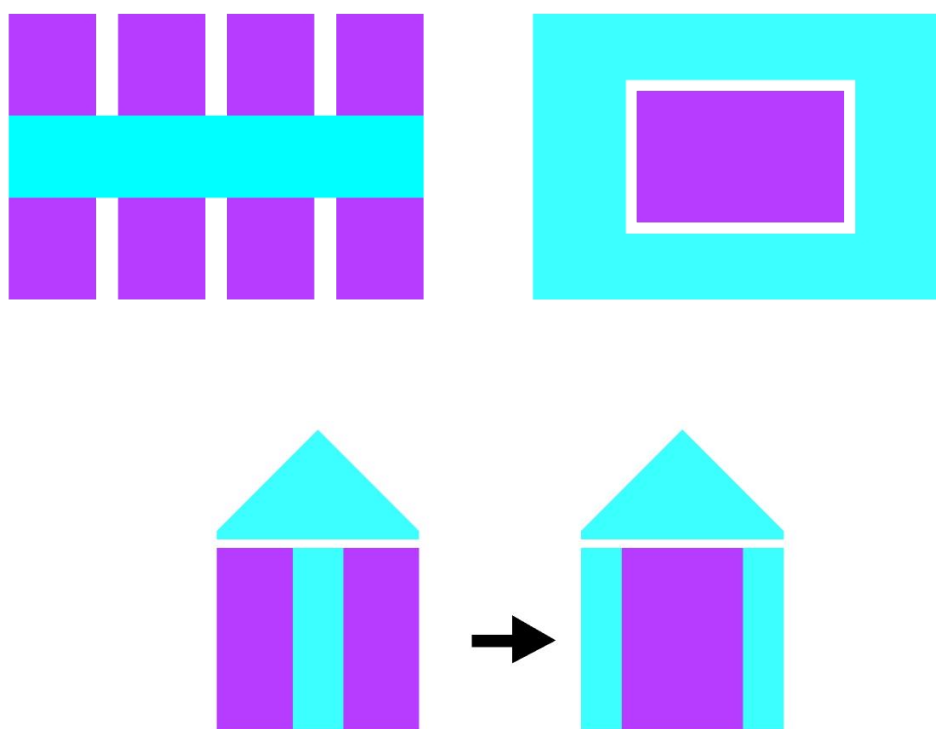


Fig. 114: Distribuição espacial interior. Com a cor azul apresentam-se os espaços de circulação; com a cor roxa apresentam-se os espaços do programa. A influência do exterior ao deixar de existir faz com que se deva partir para ou outro tipo de organização virada para um núcleo.

A flexibilidade espacial do edifício e harmonia com os espaços fixos



Fig. 115: Flexibilidade dos espaços. Como se pode observar no esquema, os espaços flexíveis (cor cinzenta) conseguem articular-se com os espaços de circulação (cor verde) e núcleo fixo (cor roxa), de forma a que não se perca a legibilidade espacial do interior.

Influência da luz natural (sol) na forma arquitectónica

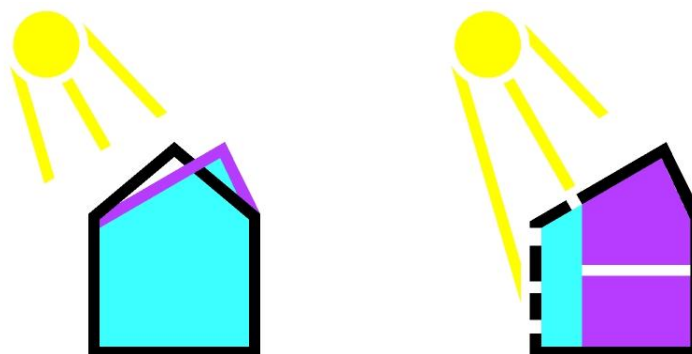


Fig. 116: A importância da luz. A luz tem um papel preponderante na forma do edifício, nomeadamente na inclinação de uma das águas. Essa inclinação permite a absorção de luz natural, bem como a entrada desta na zona de duplo pé direito.

4.2.3. MEMÓRIA DESCRITIVA

A proposta apresentada insere-se entre dois edifícios existentes. A escolha do espaço para que esta fosse implantada não foi inocente, uma vez que o critério de escolha privilegiou toda a envolvente, favorecendo assim o conceito desenvolvido. Apesar de no local escolhido se encontrar uma construção, decidiu-se reocupá-lo, dado que essa construção (baseando-me na componente teórica) não segue a linguagem formal da envolvente.

Relativamente ao interior do edifício, este apresenta um núcleo rígido no centro, no qual se inserem os serviços (WC e cozinha) e escadaria de acesso ao piso superior. O núcleo rígido no rés-do-chão acaba por demarcar a zona mais social da habitação da zona mais intimista. Esta zona íntima pode também ser considerada como de carácter social, uma vez que goza de um estatuto flexível. A utilização de paredes amovíveis permite criar espaços diferentes - dois quartos, um quarto e uma sala de convívio, uma sala de convívio apenas, ou ainda um único quarto. No piso 1, a noção de bloco central acaba por se perder, pois neste espaço encontram-se dois quartos e uma casa de banho. A opção de haver um piso mais fixo advém do tipo de agregado familiar mais comum na actualidade (casal com um ou dois filhos). Contudo, com a flexibilidade da planta do rés-do-chão podem suprir-se algumas necessidades de espaço que possam surgir. Deste modo, a habitação pode ser utilizada de forma sazonal ou permanente, uma vez que através da flexibilidade referida, permite que o homem adopte uma postura activa, participando na organização espacial da habitação conforme as suas necessidades.

Os processos construtivos utilizados foram escolhidos de forma coerente. Por um lado, tem-se a presença de elementos tradicionais indissociáveis da linguagem do Palheiro; por outro, introduziram-se processos contemporâneos, que se encontram limitados às zonas nucleares do

edifício - o núcleo rígido do edifício e as partes estruturais (como a parede) que separam o novo edifício do edifício adjacente (note-se que estas partes seriam executadas em betão). A cobertura e restantes paredes exteriores são executadas com estrutura de madeira e revestidas com o mesmo material. No interior, a relação entre o betão e a madeira acaba por resultar em algo harmonioso e equilibrado.

As zonas de duplo pé direito são dotadas de luz natural aproveitando, assim, a inclinação de uma das águas do telhado do edifício.

Nas fachadas, a aplicação da cor terá como principal conceito a mutação do próprio edifício. Assim, a cor é aplicada de modo a que o edifício, ao ser percepcionado de diferentes ângulos, aparente ter diferentes cores predominantes. Esta mutação ajuda a que o edifício se insira na arritmia da cor já antes referida.

5.0. CONCLUSÕES

A evolução da Humanidade sempre ocorreu a um ritmo avassalador. Contudo, sem que se apercebesse, o Homem foi catalogando os diversos momentos e movimentos. Como indivíduo nómada, o Homem tinha uma visão despegada do local. Para ele, o seu espaço era o mundo, embora este lhe fosse ainda desconhecido. A abertura de uma nova etapa da humanidade, com o fim do nomadismo, criou uma relação de reciprocidade entre o Homem e o espaço. Nesse momento, o Homem começou então a dar importância ao seu espaço, tratando-o, satisfazendo assim a sua necessidade, o seu ego. Todo o espaço criado pelo Homem (racional) acaba por transmitir todo o seu pensamento, todas as suas vivências e experiências. Assim, o espaço funciona como a sua afirmação do Homem perante o mundo.

As diferenças culturais acabaram por se notar cada vez mais nos comportamentos do Homem, que, por sua vez, influenciaram o espaço. O Homem português, como qualquer outro, usou a sua criatividade e a sua capacidade física para criar várias tipologias e conceitos de abrigo e casa. Assim, o legado deixado pelo Homem até aos dias de hoje pode servir como elemento inspirador para um Novo Homem, inserido num mundo tecnológico e mais evoluído, que usufrui de diferentes noções do habitar e do abrigo na sua generalidade.

A multiplicidade de necessidades e vivências do Homem, aquando da modelação do espaço, acabam por criar uma linguagem espacial, uma identidade restrita do local. No entanto, da mesma forma que o Homem evoluiu positivamente, foram surgindo soluções que acabaram por se mostrar negativas.

À semelhança de muitas culturas europeias, o povo português acabou por criar diferentes arquétipos de edificação para as mais diversas funcionalidades. Inevitavelmente, aquando da concepção de um espaço, habitacional ou de apoio às actividades do Homem, a escolha do principal material constituinte dessa obra recairia em algo economicamente vantajoso como, por exemplo, a madeira. Este material, durante muito tempo, foi elemento construtivo das edificações por todo o país.

O surgimento dos Palheiros da Costa Nova segue essa filosofia, assim como toda a sua evolução. Da inicial precariedade de vida de um pescador ao repouso de um veraneante, existiram vários factores que impulsionaram e metamorfosearam este arquétipo tradicional. Apesar da sua linguagem formal se ter mantido durante bastante tempo, a atribuição de novas funções ao Palheiro instalou uma aparente confusão espacial. Consequência disso foi a perda da legibilidade da paisagem urbana e da planta do próprio Palheiro. Contudo, deve

destacar-se que a forma tão purista do Palheiro (elaborada num contexto precário) foi capaz de suprir todas as necessidades a ela imposta.

Com a globalização do mundo, a identidade que marcava o local passou ao esquecimento, sendo involuntariamente vandalizada por atitudes negligentes por parte do Homem como sociedade. A necessidade deste se diferenciar de outras culturas foi-se perdendo e, com isso, surgiram influências que, mal utilizadas, foram destruindo o ambiente e autenticidade do espaço. O local deve ser um meio para atingir um fim, o qual respeite e reflecta esse mesmo meio. Todo o local difere de qualquer outro, daí que se deva esquecer a ideia de copiar ou recriar. [1]

A constante construção de novos edifícios na Costa Nova faz com que o aspecto do espaço esteja em frequente transformação. Este facto acaba por ser a solução mais óbvia; porém, a identidade do local, toda a sua envolvência e antepassados, vão-se perdendo, descaracterizando, assim, o espaço em questão. A requalificação urbana, em geral, apresenta-se como uma boa alternativa para potencializar os valores destes aglomerados de edificado; contudo, pretendeu-se demonstrar neste documento que não é necessário proteger numa redoma o tradicionalismo e tudo o que lhe está inerente; é, sim, necessário estudar tudo isso. Não se deve olhar para o tradicionalismo de modo saudoso, pois desse modo não se conseguiria dar seguimento à evolução desta tipologia arquitectónica. O respeito deve existir, mas de modo a permitir a introdução da contemporaneidade naquele espaço.

É neste contexto que surge a ideia da criação de um Palheiro contemporâneo. O paralelismo criado entre o tradicionalismo e o contemporâneo só foi possível dado que existe uma noção clara dos dois momentos (tradicional e contemporâneo), e o equilíbrio entre eles apresenta-se como sendo capaz de potencializar todo aquele espaço, reforçando a identidade local. O Palheiro contemporâneo facilmente se adaptaria à realidade local, como se pode conferir nos desenhos apresentados.

Por fim, deve salientar-se que o projecto apresentado foi pensado para um local específico, defendendo, portanto, a ideia de que qualquer intervenção com esta filosofia de criação arquitectónica deve sempre proceder a uma análise do local no qual se irá inserir o objecto arquitectónico.

6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] - LINO, Raul - **Casas portuguesas: Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples**. 11ª ed. Lisboa: Edições Cotovia, Lda., 1992. ISBN: 978-972-8028-25-1

[2] - GOMES, Patrícia A. G. - **As constantes e as variáveis da casa - do formal ao emocional**. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientador: Prof. Doutor Arq. Miguel Mendes do Amaral Santiago Fernandes. Covilhã: UBI, 2009

[3] - CORREIA, Luís M. M. V. - **Património e intervenção arquitectónica**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Orientador: Gonçalo Byrne. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 1994

[4] - SILVA, Duarte N. A. A. - **Estória da arquitectura portuguesa: uma reflexão em torno de imagens que a arquitectura constrói e o cinema fixa e o povo ordena**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Orientador: Jorge Figueira. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 2007

[5] - MOUTINHO, Daniel F. O. - **Edifícios de construção tradicional em madeira: o exemplo dos palheiros do litoral central português**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof. Joaquim Teixeira. Porto: FAUP, 2007

[6] - MASCARENHAS, Jorge - **Sistemas de construção: V - O Edifício de Rendimento da Baixa Pombalina de Lisboa**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. ISBN: 978-972-24-1422-7

[7] - KEMP, Tom - **A Revolução Industrial na Europa do Século XIX**. Portugal: Edições 70, 1987. ISBN: 9789724406084

[8] - AMORIM, Inês - **Recursos marítimos e tecnologia no séc. XVIII - pesca, sal e moliço no litoral e na Ria de Aveiro**. Porto: Instituto da História Moderna, 2002

[9] - <URL: http://olhares.aeiou.pt/beleza_dos_barcos_moliceiros_foto254525.html>, consultado em Março de 2011

[10] - MESTRE, Victor - **Arquitectura popular da Madeira**. Lisboa: Argumentum, 2002. ISBN: 972-8479-13-1

[11] - OLIVEIRA, Ernesto V., GALHANO, Fernando - **Arquitectura tradicional portuguesa**. 5ª ed. Colecção Portugal de Perto: Biblioteca de Etnografia e Antropologia, nº 24. Lisboa: Dom Quixote, 2003. ISBN 972-20-2397-7

[12] - <URL: http://areadeprojecto3.blogspot.com/2010_06_01_archive.html>, consultado em Março de 2011

[13] - <URL: <http://esdjccg.prof2000.pt/a/011/al11.htm>>, consultado em Março de 2011

[14] - GALHANO, Fernando - **Páginas de Cultura e Arte**. Portugal: Edições Caixotim, Lda., 2005 ISBN 972-8651-68-6

[15] - <URL: http://terralampada.blogspot.com/2011_06_01_archive.html>, consultado em Março de 2011

[16] - <URL: <http://ahcravo.wordpress.com/2010/11/02/etimologia-de-xavega-xabega-jabega-em-castelhano/>>, consultado em Março de 2011

[17] - <URL: http://200anosdacosta-nova.blogspot.com/2008_05_01_archive.html>, consultado em Março de 2011

[18] - PEREIRA, Benjamim - **Sistemas de serração de madeiras: Tecnologia Tradicional Portuguesa**. Portugal: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, 1990. ISBN 972-667-145-0

[19] - <URL: <http://indicosenapduarte.blogspot.com/2010/04/portas-entradas-que-sao-pontos-de-saida.html>>, consultado em Março de 2011

[20] - <URL: <http://ptencontro.blogspot.com/2008/09/casas-com-historia-na-costa-nova.html>>, consultado em Março de 2011

[21] - FONSECA, Senos - **A história do Palheiro de José Estevão**. [n.d.]: 2007

[22] - CALOR, Inês A. - **Técnicas construtivas avieiras - tradição e inovação no sistema palafítico**. Portugal: Arquitectos Sem Fronteiras, 2009

[23] - <URL: http://200anosdacosta-nova.blogspot.com/2008_05_01_archive.html>, consultado em Março de 2011

[24] - <URL: http://www.panoramio.com/user/4306800?with_photo_id=45627337>,

consultado em Março de 2011

[25] - <URL: <http://ahcravo.wordpress.com/2011/05/31/pedacos-de-memoria-da-xavega-ano-s-70/>>, consultado em Março de 2011

[26] - <URL: <http://blogdobarco.blogspot.com/2010/01/arte-nova-de-pescar-xavega.html>>, consultado em Março de 2011

[27] - RIBEIRO, Luciano S. - **Cultura de cor: reflexões sobre a cor na arquitectura**. Tese de Mestrado em Arquitectura, Orientador: Domingos Manuel Campelo Tavares. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 2009

[28] - PINHAL, Ângela M. A. - **Cor-arquitectura**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Orientador: António Olaio. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 2008

[29] - <URL: <http://paroquiaovar.blogspot.com/2009/09/blog-post.html>>, consultado em Março de 2011

[30] - <URL: <http://www.trekearth.com/gallery/Europe/Portugal/North/Aveiro/Torreira-Murtosa/photo844630.htm>>, consultado em Março de 2011

[31] - **Perceiving Color**. Disponível em <URL: http://courses.washington.edu/psy333/lecture_pdfs/chapter7_Color.pdf>, consultado em Março de 2011

[32] - <URL: <http://maisdualidades.blogspot.com/2011/08/festas-das-floresdo-redondo-ou-de-campo.html>>, consultado em Março de 2011

[33] - <URL: <http://www.parqmag.com/?p=5466>>, consultado em Março de 2011

[34] - <URL: <http://piramidemadeiras.blogspot.com/2010/12/pinus-e-pinheiro.html>>, consultado em Março de 2011

[35] - <URL: <http://hekiw.byethost13.com/>>, consultado em Março de 2011

[36] - <URL: http://www.casapassos.pt/produtos/produtos_imprimir.htm?idcont=467>, consultado em Março de 2011

[37] - <URL: <http://alemarvidros.blogspot.com/>>, consultado em Março de 2011

[38] - <URL: <http://www.agataweb.com.br/descricao.asp?CodProd=PC67>>, consultado em

Março de 2011

[39] - <URL: <http://pomarcitynews.blogspot.com/2011/06/mao-de-obra-desvalorizada-e-o-as-falto.html>>, consultado em Março de 2011

[40] - <URL: <http://www.arquitecturahoy.com/1007-arquitectura/arquitectura-con-construccion-en-adobe.html>>, consultado em Março de 2011

[41] - GOMES, Joana F. M. M. - **Reabilitação de Edifícios/Construção Nova - Situação na Beira Interior**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Orientador: Prof. Doutor João Carlos Gonçalves Lanzinha. Covilhã: UBI, 2011

[42] - RIBEIRO, Irene - **Raul Lino, Pensador Nacionalista na Arquitectura**. Porto: Edições FAUP, 1994. ISBN 9789729483042

[43] - GONÇALVES, Adelino M.S. - **Arquitectura de Estratégia: Algumas considerações sobre a reabilitação de centros históricos europeus com preocupações energéticas**. Coimbra: [s.n.]

[44] - SCHWARTZ-CLAUSS, Mathias et. al. - **Living in motion: design and architecture for flexible dwelling**. [n.d.]: Vitra Design Museum, 2002. ISBN: 9783931936358

[45] - COSTA, Joana M. S. F. - **Arquitectura, identidade e transformação: o diálogo entre novo e antigo**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof. Francisco Barata Fernandes Porto: FAUP, 2002

[46] - DIOGO, Patrícia X. - **Espaço público: a identidade e inclusão**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof. Manuel Fernandes de Sá. Porto: FAUP, 2005

[47] - SOBRAL, Luís P. P. - **Arquitectura com algum pedigree: o vernacular na arquitectura contemporânea**. Tese de Mestrado em Arquitectura, Orientador: Nuno Grande. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 2009

[48] - CONSCIÊNCIA, Ana - **Postal de Paraty: reflexão sobre a ideia de património**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Orientador: Walter Rossa. Coimbra: Coleções FCTUC Arquitectura, 2009

[49] - REIS, Sofia B. S. - **74-86 arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa.** Tese de Mestrado em Arquitectura, Orientador: Mário Kruger. Coimbra: Colecções FCTUC Arquitectura, 2007

[50] - ALDEIA, Lara J. V. - **O compromisso entre moderno e tradicional na habitação isolada: na segunda metade do séc. XX em Portugal.** Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientador: Pedro Maurício Borges. Coimbra: Colecções FCTUC Arquitectura, 2010

[51] - SILVA, Joana I. M. G. - **A utilização da cortiça na arquitectura tradicional portuguesa.** Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof.^a Clara do Vale. Porto: FAUP, 2009

[52] - PINA, Sofia M. G. - **Técnicas Tradicionais de Construção: projecto de recuperação em Penafiel.** Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof. António Madureira. Porto: FAUP, 2004

[53] - AMARAL, Filipe V. C. S. - **A identidade arquitectónica como fundamento da intervenção.** Dissertação de Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico. Docente acompanhante: [n.d.]. Porto: FAUP, 2006

[54] - CAMPANTE, Ana M. L. C. E. - **Invólucro: Objecto, imagem ou identidade.** Prova final de Licenciatura em Arquitectura, Docente acompanhante: Prof. António Madureira. Porto: FAUP, 2006

[55] - LINO, António - **O homem e a casa: a casa e o tempo.** 1^a ed. Lisboa: Instituto de Cultura de Língua Portuguesa, 1990. ISBN 972-566-138-9

[56] - MOUTINHO, Mário - **Arquitectura popular portuguesa.** Portugal: Editorial Estampa, 1997. ISBN 9789723310542.

[57] - FERNANDES, José M. - **Português Suave - Arquitectura do Estado Novo.** Lisboa: IPPAR, 2003

[58] - TOSTÕES, Ana C. S. - **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50.** 2^a ed. Porto: Edições FAUP, 1997. ISBN 972-9483-30-2

[59] - FRANÇA, José A. - **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura.** Portugal: Livros Horizonte, 1997. ISBN 9789722409988

[60] - AFONSO, João - **Arquitectura Popular em Portugal**. Portugal: Associação dos Arquitectos Portugueses, 2003

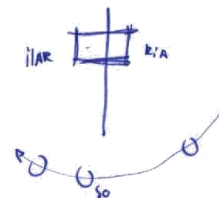
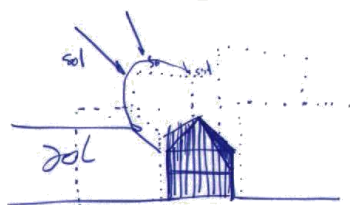
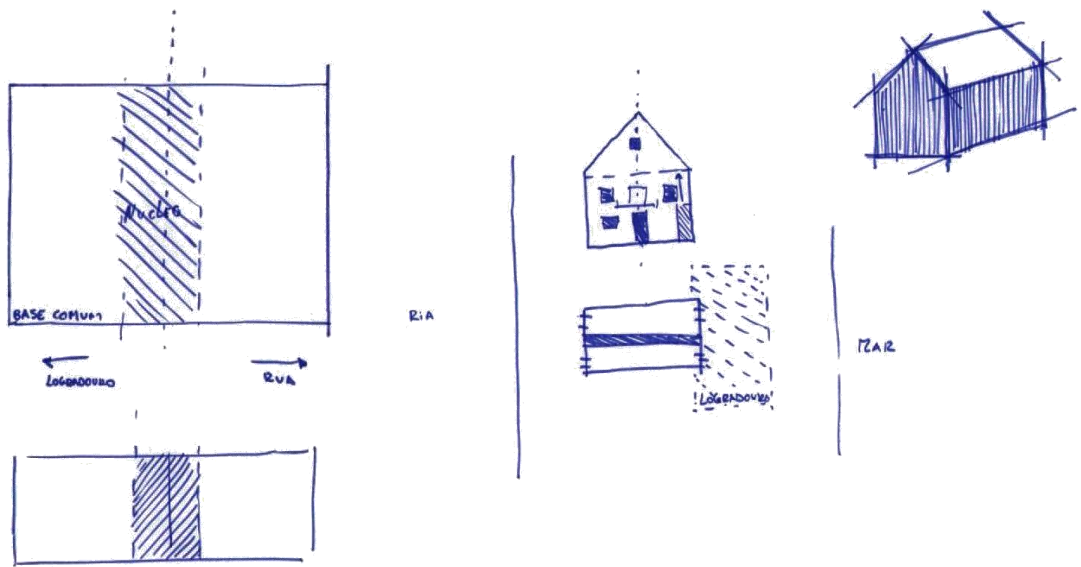
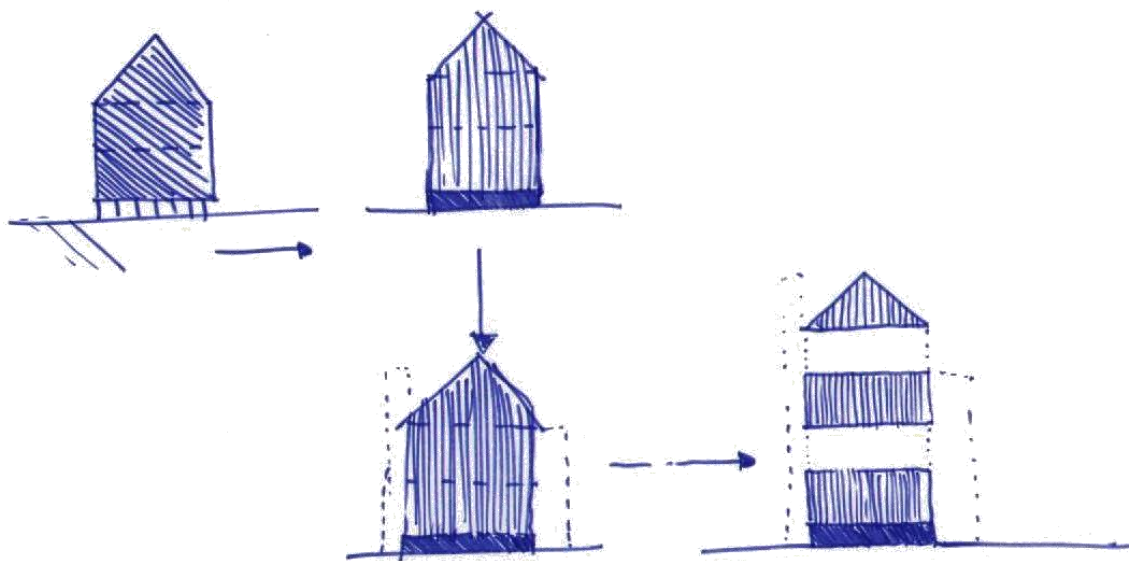
[61] - ALMEIDA, Carlos - **Portugal, Arquitectura e Sociedade**. 1ª ed. Lisboa: Terra livre, 1978

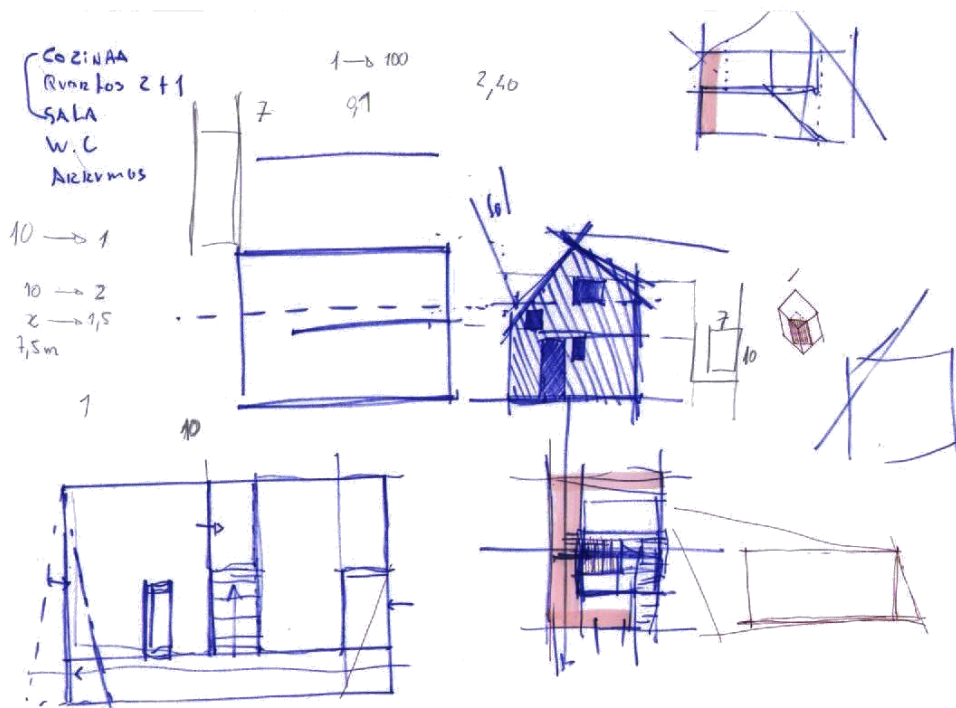
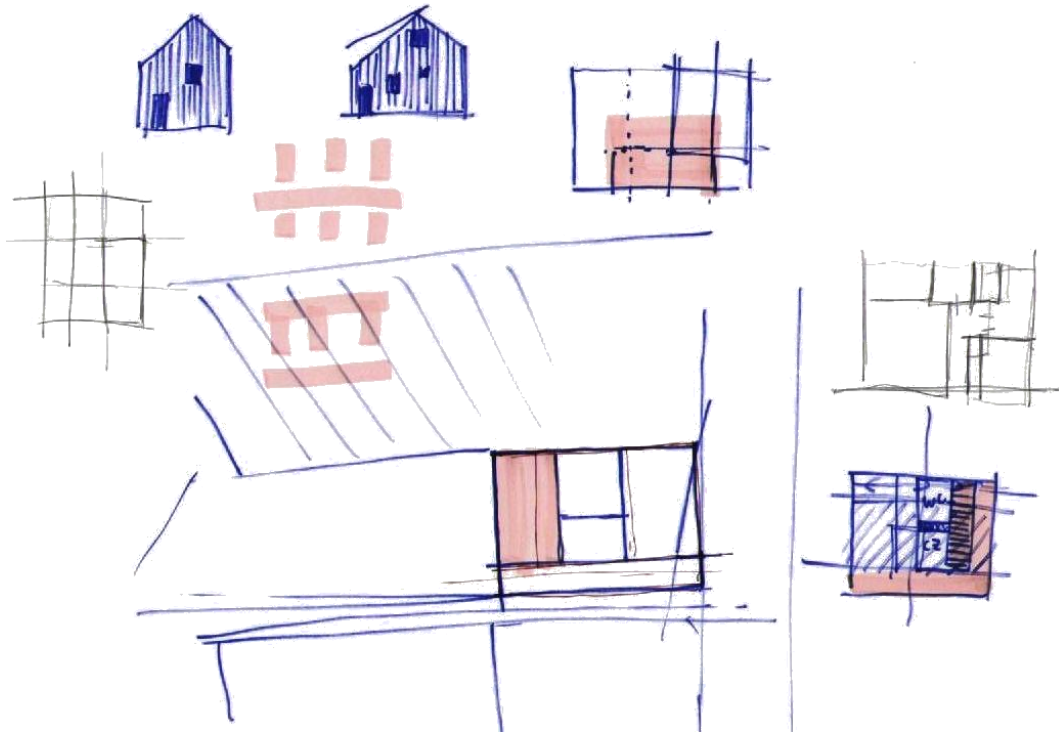
[62] - DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto V., GALHANO, Fernando - **Espigueiros Portugueses: Sistemas Primitivos de Secagem e Armazenamento de Produtos Agrícolas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. ISBN 972-20-1138-3

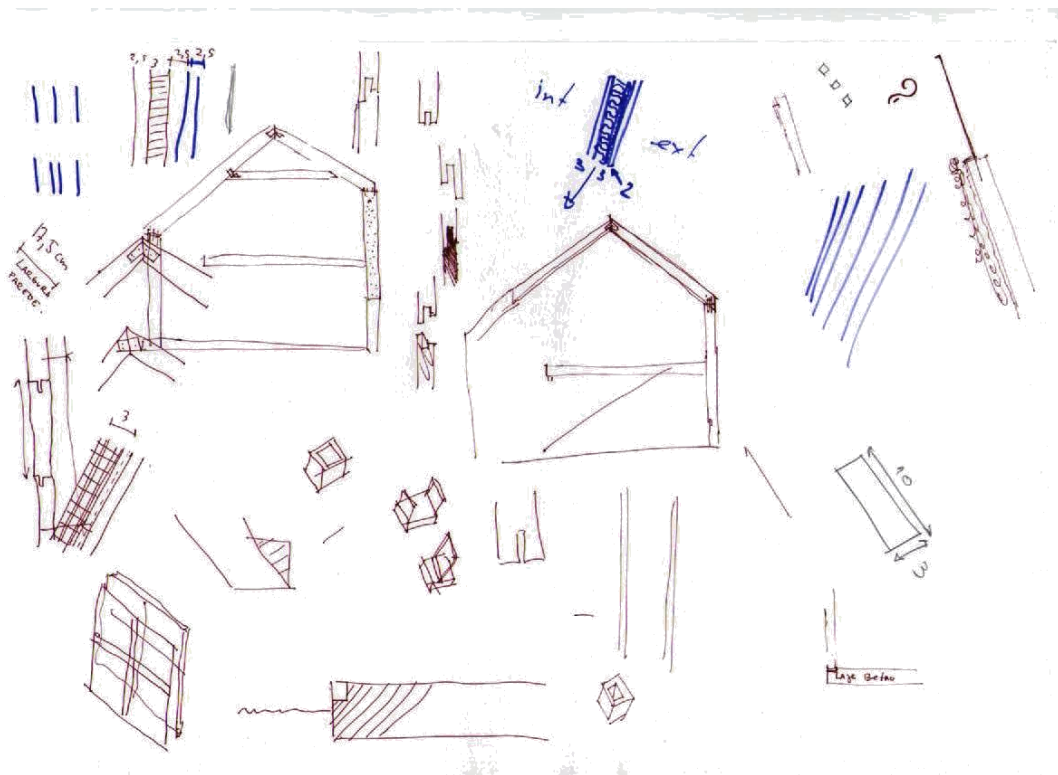
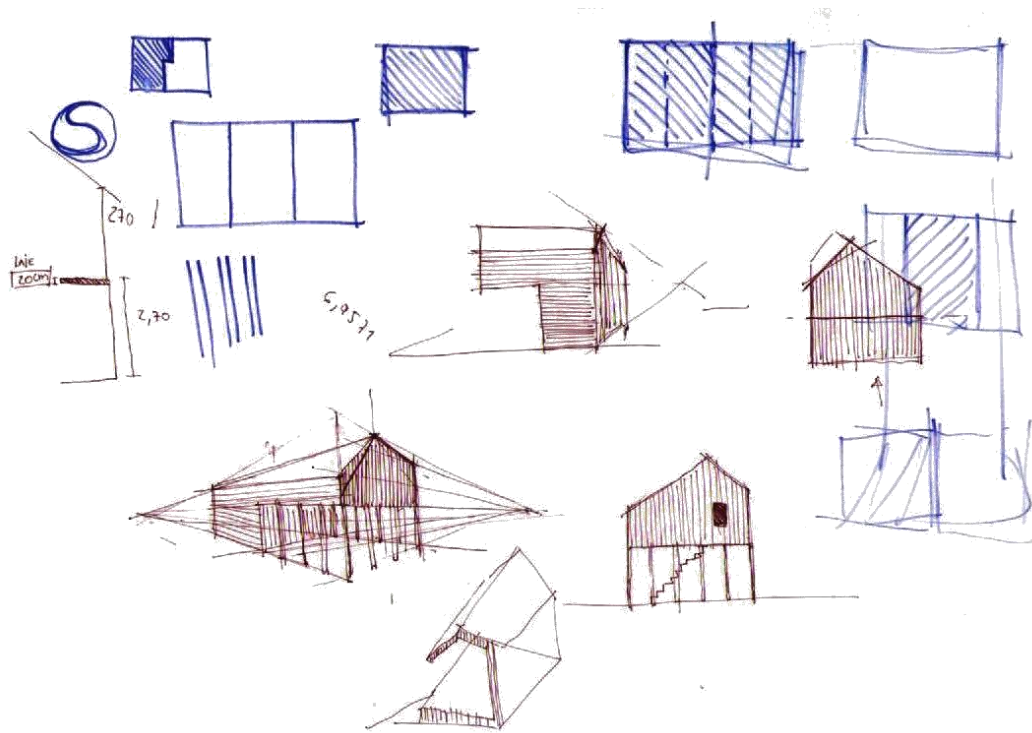
[63] - CENICACELAYA, Javier, BAGANHA, José - **Arquitectura tradicional e sustentabilidade**. Bilbao e Lisboa: 2004

7.0. ANEXOS

7.1. Esquços relativos ao desenvolvimento do projecto







Tiago José Neves de Oliveira
